



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

MARIA IVONEIDE DE OLIVEIRA ARAÚJO

**A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO
SEMIÁRIDO PARAIBANO: O CASO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ, NO
MUNICÍPIO DE SUMÉ/PB**

**SUMÉ – PB
2011**

MARIA IVONEIDE DE OLIVEIRA ARAÚJO

A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO SEMIÁRIDO PARAIBANO: O CASO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ, NO MUNICÍPIO DE SUMÉ/PB

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro da Universidade Federal de Campina Grande / Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, como requisito parcial para obtenção de título de especialista.

Orientador: Prof^o Mestre Isaac Alexandre da Silva

**SUMÉ – PB
2011**

A659e

Araújo, Maria Ivoneide de Oliveira

A evasão escolar no Ensino Médio de uma escola pública do Semiárido Paraibano : o caso da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, no município de Sumé - PB. / Maria Ivoneide de Oliveira Araújo. - Sumé: [s.n], 2011.
101p.

Orientador: Professor Me. Isaac Alexandre da Silva.
Monografia - Universidade Federal de Campina Grande;
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Educação Contextualizada para convivência com o Semiárido Brasileiro.

1. Educação contextualizada. 2. Evasão escolar. 3. Ensino Médio. I. Silva, Isaac Alexandre da. II. Título

CDU 37(043.1)

MARIA IVONEIDE DE OLIVEIRA ARAÚJO

A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO SEMIÁRIDO PARAIBANO: O CASO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ, NO MUNICÍPIO DE SUMÉ/PB

**Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro da Universidade Federal de Campina Grande / Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, como requisito parcial para obtenção de título de especialista.
Área de Concentração: Educação**

Aprovado em 05/10/ 2011

BANCA EXAMINADORA

**Professor Ms. Isaac Alexandre da Silva
UAEDUC/CDSA/UFCG
Orientador**

**Professora Ms. Quézia Vila Flor Furtado
UAEDUC/CDSA/UFCG
Examinadora**

**Professor. Ms. Robson Fernandes Barbosa
UATEC/CDSA/UFCG
Examinador**

**Sumé – PB
2011.**

Dedico este trabalho ao meu esposo Fábio, grande companheiro, e meus filhos Mariana e Fábio Jr, pois me deram todo apoio e incentivo, até mesmo quando tive que deixá-los, para que pudesse chegar aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, responsável pela minha existência e a quem recorri nos momentos duvidosos;

Aos meus pais e irmãos, que sempre se fizeram presentes;

Ao Professor Isaac Alexandre da Silva, pela orientação, disponibilidade (sempre que solicitado) e os ensinamentos ministrados;

A UFCG, particularmente aos professores do Curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro, por terem contribuído com meu crescimento pessoal e profissional;

A Conceição Miranda, coordenadora do curso, por toda atenção dispensada, sempre disponível aos nossos questionamentos e ao Professor Sílvio Rossi, incentivador nos momentos mais críticos;

Aos meus colegas de turma, pela troca de experiências nesse tempo em que estivemos juntos;

A direção da escola que trabalho, E.E.E.M.F. Prof. José Gonçalves de Queiroz, por colaborar com a pesquisa e compreender os momentos de ausência quando se fazia necessário a presença;

E a todos que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, expresso os meus mais sinceros agradecimentos.

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer em minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo.
(FREIRE, 2004, p. 99)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar as causas da evasão escolar no Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, no Município de Sumé/PB, no período de 2008 a 2010. As motivações para o estudos partiram do fato de observar que aos educandos desapareciam das salas de aulas, sem questionamentos ou intervenções. Ao ingressar no apoio pedagógico da escola, com acesso a documentos – diários de classe, fichas individuais, boletins, resultado final, censo escolar – ficou perceptível os números, e surgiu a preocupação, por constatar que era algo repetitivo, mas que nada era feito para reverter o quadro. Para esta pesquisa, utilizou-se como via metodológica a pesquisa qualitativa, centrando o trabalho investigativo no Estudo de Caso, a partir do diário de campo, da observação participante, da análise documental e de entrevistas. Elegeu-se como público alvo os segmentos discente e docente da referida escola. Como resultado a pesquisa apontou um elevado índice de evasão escolar, que segundo educandos e educadores é reflexo do desinteresse, da indiferença, da necessidade de trabalho, da gravidez precoce, da falta de incentivo da família. Foi comprovado que poucos educandos retornaram no ano seguinte (2011) e a escola continua seu trabalho sem estratégias que revertam esse problema.

Palavras-chave: evasão escolar; ensino médio; educação contextualizada.

ABSTRACT

The aim of this paper was to analyze the causes of truancy in High School from Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, in Sumé City – PB, from 2008 to 2010. The motivations for the studies from the fact noted that the students disappeared from classrooms, without question or interventions. When entering the school's educational support, with access to documents - day of class, individual sheets, newsletters, final result, the school census - was noticeable numbers, and there was a concern, to see that something was repetitive, but that nothing was done to reverse the situation. For this research, was used as a way qualitative research of methodology, focusing the investigative work on Study Case, from the field diary, participant observation, documentary analysis and interviews. Was selected as target students and teachers of this school. The objectives were to identify the dropout rate in 2008, 2009 and 2010; to point out the possible causes of truancy; to check how many students returned to school in 2011; to identify and analyze the strategies and educational policies that the school has been developing in facing the problem of truancy. As a result, the survey indicated a high dropout rate, which according to students and teachers is a reflection of disinterest, indifference, and need to work, early pregnancy, lack of encouragement from the students family. Been shown that few students returned the following year (2011) and the school continues working without strategies to reverse this problem.

Key-words: truancy; high school; contextualized education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - FRENTE DA ESCOLA	19
FIGURA 2 - ENTRADA DA ESCOLA	20
FIGURA 3 - A ESCOLA POR DENTRO/ VISTA O 1º ANDAR	20
FIGURA 4 - SECRETARIA	21
FIGURA 5 - DIREÇÃO	22
FIGURA 6 - SALA DE LEITURA.....	22
FIGURA 7 - AUDITÓRIO/ FONTE: AUTORA, 2011.....	23
FIGURA 8 - SALA DE AULA/ 2º ANO D.....	23
FIGURA 9 - BIBLIOTECA	24
FIGURA 10 - BANHEIRO/ TÉRREO	24
FIGURA 11 - BANHEIRO/ 1º ANDAR.....	25
FIGURA 12 - LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA.....	25
FIGURA 13 - LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS	26
FIGURA 14 - SALA DOS PROFESSORES	26
FIGURA 15 - SALA DE VÍDEO/ TÉRREO	27
FIGURA 16 - SALA DE VÍDEO 2/ 1º ANDAR.....	27
FIGURA 17 - REFEITÓRIO	28
FIGURA 18 - COZINHA	28
FIGURA 19 - QUADRA POLIESPORTIVA.....	29
FIGURA 20 - SALA DE PLANEJAMENTO	31
FIGURA 21 - TABELA NÚMEROS DA EVASÃO 2008, 2009, 2010 ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
FIGURA 22 - O FUNIL DO ENSINO MÉDIO	54
FIGURA 23 - TAXA DE ABANDONO NO ENSINO MÉDIO	55
FIGURA 24 - AS PEDRAS NO CAMINHO DOS ESTUDANTES.....	56

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	NÚMEROS DA EVASÃO 2008, 2009, 2010	38
-----------------	------------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS

ASA	Articulação no Semi-Árido
CEPES	Centro Paraibano de Educação Solidária
CONAE	Conferência Nacional da Educação
CONSED	Conselho Nacional de Secretários de Educação
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EEEFM	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
PB	Paraíba
PPP	Projeto Político Pedagógico
RESAB	Rede de Educação no Semiárido Brasileiro
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	16
2.1	TIPO DE PESQUISA.....	16
2.2	TÉCNICAS PARA COLETA DE DADOS.....	17
2.3	AS ENTEVISTAS PASSO A PASSO.....	17
3	DESENVOLVIMENTO DA COLETA DE DADOS.....	19
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	19
3.2	PERFIL DOS EDUCANDOS.....	32
3.3	AS POLÍTICAS EDUCATIVAS NA ESCOLA E A EVASÃO ESCOLAR A PARTIR DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.....	33
4	MARCO TEÓRICO.....	40
4.1	A EVASÃO ESCOLAR.....	40
4.2	O ENSINO MÉDIO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS.....	45
4.3	O SEMIÁRIDO BRASILEIRO.....	57
4.3.1	A contextualização do currículo.....	58
4.3.2	A formação do educador.....	59
4.3.3	Material didático adequado a realidade do semiárido.....	61
4.4	A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA.....	62
5	EVASÃO ESCOLAR: UM PROBLEMA NÃO RESOLVIDO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ.....	68
5.1	A ESCOLA E SEU PAPEL NA FRMAÇÃO DE CIDADÃOS.....	68
5.2	A EVASÃO ESCOLAR COMO UM PROBLEMA A SER ENFRENTADO.....	77
5.3	EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA: UM CAMINHO VIÁVEL.....	85
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
	REFERÊNCIAS.....	91
	APÊNDICE A - Cópia dos roteiros de entrevista	
	ANEXO A – Fotos da visita à zona rural.	

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetivou analisar as causas da evasão escolar no Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, no Município de Sumé/PB, no período de 2008 a 2010, considerando o grave problema educacional que se caracteriza a evasão escolar.

O estudo acerca da evasão escolar ajuda na compreensão desse fenômeno podendo assim propor formas de minimizá-la, uma vez que se pressupõe que é de grande relevância a maneira como se ensina e como se aprende e se esses processos não acontecerem harmoniosamente, ocasionarão problemas, sendo a evasão um deles, pois o sentido da escola se perde no caminho, tornando-se desinteressante para permanência nela. A evasão escolar apresenta significativos índices nos censos escolares, o que é preocupante, pois interrompe os estudos dos educandos, colocando, em alguns momentos, em questão sua vida pessoal e profissional, deixando-os à margem da sociedade, por não terem a certificação que comprove a sua escolaridade, principalmente quando pertencem as classes mais empobrecidas.

A evasão escolar é um problema que tem perpassado a história educacional brasileira, ganhando destaque nas discussões das políticas públicas, em particular nas políticas educacionais, chamando a atenção sobre o papel da escola na permanência ou erradicação deste.

Na cidade de Sumé não é diferente do contexto nacional, pois a evasão escolar tem apresentado índices consideráveis nas várias esferas de ensino. Tomando como referência a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, percebe-se que esses índices têm se apresentado com grande evidência nos últimos anos, no entanto esses números têm passado despercebidos, sem maiores discussões ou avaliações sobre o problema.

Nesse contexto, investigar as causas dessa evasão torna-se uma tarefa urgente, uma vez que interfere na prática cotidiana da escola, atingindo

negativamente os educandos, sob variados aspectos, além de que vai contra a Constituição Federal, no Art. 205 (p. 137 e a LDB (Lei 9394/96), no Art. 2º (01) que diz que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, garantindo “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, sendo, portanto esse direito negado quando a escola não consegue manter seus educandos, excluindo-os do processo educativo, embora também seja a escola vítima das políticas oriundas do Estado capitalista, mesmo que inconscientemente. Porém, o objeto desta pesquisa abrangerá apenas o Ensino Médio, pois é onde se verifica, ao nível da Educação Básica, um considerado índice de evasão de educandos, fase determinante para o ingresso no ensino superior e/ou no mundo do trabalho.

Uma das motivações para o desenvolvimento da pesquisa foi o fato de trabalhar na área da educação há 16 anos, sendo 13 em sala de aula e 03 como apoio pedagógico. Observava que aos educandos desapareciam das salas de aulas, porém o trabalho continuava sem questionamentos ou intervenções. Ao ingressar no apoio pedagógico da escola, com acesso a documentos – diários de classe, fichas individuais, boletins, resultado final, censo escolar – ficou perceptível os números, e surgiu a preocupação, por constatar que era algo repetitivo, mas que nada era feito para tentar reverter o quadro.

Então, ciente desta realidade, com esse estudo, espera-se contribuir para o entendimento desse fenômeno, no sentido de mudança de posturas e práticas desenvolvidas na escola, de repensar as políticas educacionais e vários outros condicionantes necessários ao bom funcionamento da educação no contexto em pauta.

Para concretização desta pesquisa, os dados arquivados na secretaria da escola foram fundamentais, fornecendo indícios acerca da realidade através dos números, do contato com educandos e educadores no levantamento de variáveis e hipóteses e da análise interpretativa dos dados coletados.

A presente pesquisa consistiu num estudo de caso acerca da evasão escolar, tomando como foco de investigação a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, localizada na Zona Urbana do município de Sumé-PB. Considerando o elevado índice de educandos evadidos na

referida escola, nestes últimos anos, este trabalho buscou elucidar as variáveis que vêm influenciando o desenrolar do fenômeno em foco.

Muitas questões surgiram na tentativa de compreender o porquê da persistência da evasão escolar: o que está acontecendo com os/as educandos/as? O que os leva a tomar a decisão de abandonar a escola? E a escola, como tem se manifestado para reversão desses números? Qual o papel dos docentes, da equipe técnica (ou pedagógica), da direção nesse processo? Por que as políticas públicas não são eficientes para erradicação do problema? Para tentar obter respostas levantou-se o seguinte problema: Quais os motivos que justificaram o alto índice de evasão no Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz no período de 2008 a 2010?

Percorrer um caminho que responda a essas questões é colaborar na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, levantando a discussão, provocando a curiosidade dos envolvidos e apontando possíveis soluções.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar as causas da evasão escolar no Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, no Município de Sumé/PB, no período de 2008 a 2010. E os específicos, se elencaram da seguinte maneira: identificar o índice de evasão nos anos de 2008, 2009 e 2010; verificar, neste ano de 2011, o retorno dos educandos evadidos, buscando mapear a quantidade de alunos e as motivações do retorno; apontar as principais causas da evasão escolar; identificar e analisar as estratégias político-educativas que a escola tem desenvolvido no enfrentamento do problema da evasão escolar; e apresentar a educação contextualizada no semiárido como um caminho viável para a superação da evasão escolar.

Então, desenvolver uma pesquisa que colabore com o entendimento de um processo que se repete há vários anos, gerando frustrações, fracassos e conflitos (conscientes e inconscientes) como a evasão escolar, é de grande relevância para a educação. Na realidade, trata-se de uma colaboração a respeito da formação de cidadãos, pois a partir disso poderá se propuser a revisão dos objetivos e metas

presentes no PPP (Plano/Projeto Político Pedagógico), já que se espera que seja um instrumento de democratização e qualificação do processo educativo que a escola dispõe.

Nesse contexto, Freire (2004, p. 36) diz que “... pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. Daí a importância da pesquisa, pois pretende percorrer um caminho que se propõe analisar as causas da evasão na escola, procurando assim formas de enfrentá-la, juntamente com toda comunidade escolar.

Este trabalho e estudo, além da introdução, está organizado em quatro capítulos: o primeiro capítulo traz a metodologia, mostrando os caminhos percorridos para se chegar aos resultados. O segundo capítulo apresenta um olhar por dentro da escola a partir de sua caracterização, do perfil do educando e políticas educativas na escola e a evasão a partir do Projeto Político Pedagógico. O terceiro capítulo apresenta à fundamentação teórica, que inicia com a questão da evasão escolar, passa pelo ensino médio e as políticas públicas, o semiárido brasileiro e conclui com a educação contextualizada, na tentativa de compreender os processos que, segundo alguns autores, colaboram para permanência do fracasso escolar, a partir da evasão dos educandos. O quarto capítulo mostra os resultados obtidos na coleta de dados, apresentando uma análise, segundo a visão de educandos e educadores, que podem influenciar na produção e/ou agravamento da evasão escolar.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

2.1. TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa se caracterizou como pesquisa qualitativa, por ser uma via teórico-metodológica que permitiria apreender a realidade a ser pesquisada, posto que existia a necessidade de apontar as causas da evasão assim como trazer dados que pudessem comprovar a problemática. E algumas características referente à pesquisa qualitativa são justamente as de que os dados são coletados/construídos a partir de um ambiente natural; compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa; a complexidade humana que não é matematizável.

Minayo (1993, p. 15) defende a idéia de que “... o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo”, o que não significa a rejeição da perspectiva “quantitativa”, inclusive podendo até haver uma certa acomodação, como acontece neste estudo. Esse posicionamento se harmoniza aos pressupostos epistemológicos apontados por Alves (1991), em seu artigo, intitulado “Planejamento de pesquisa qualitativa em educação”,

[...] a realidade é uma construção social da qual o investigador participa e, portanto, os fenômenos só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva holística, que leve em consideração os componentes de uma dada situação em suas interações e influências recíprocas, o que exclui a possibilidade de se identificar relações lineares de causa e efeito e de se fazer generalizações de tipo estatístico. (ALVES, 1991, p.55).

A partir da pesquisa qualitativa se optou pelo Estudo de Caso, como via metodológica, por ser o objeto de estudo em pauta complexo, constituído a partir de variados elementos, que estariam interagindo permanentemente, necessitando, portanto, de um olhar mais atento que apreendesse o fenômeno investigado na sua totalidade.

O estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz situada na Rua Prof^a Guiomar Coelho S/N, Bairro Pedregal, Sumé-PB. Teve como público alvo 14 turmas e 34 educadores do Ensino Médio, os quais serão identificados no estudo por numerações, que seguem

a sequência das entrevistas (PROFESSOR 1, 2, 3, 4, 5, 6 – ALUNO/A 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8).

A pesquisa teve início em fevereiro de 2011 e término em outubro de 2011.

2.2. TÉCNICAS PARA COLETA DE DADOS

Nesse contexto, as técnicas de coleta de dados utilizadas foram: a Pesquisa Documental, que deu o suporte as informações, como os números de matrícula inicial e final, evadidos, desistentes etc. Para tal fim se buscou essas informações em documentos, como: arquivos públicos, particulares, estatísticos. Lakatos e Marconi dizem que na pesquisa documental

“[...] a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fenômeno ocorre, ou depois”. (LAKATOS; MARCONI, 2009, p.176)

Ainda foi utilizada a Observação Participante, que para Lakatos e Marconi

[...] consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão por próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste.(LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 196).

Para facilitar a coleta de dados com os educandos, se utilizou a Entrevista que

[...] é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 197).

2.3. AS ENTREVISTAS PASSO A PASSO

Para realização das entrevistas com os educadores, levou-se em conta o critério das disciplinas, considerando-se as áreas de Português, Matemática, História, Biologia, Inglês para que pudesse se analisar a influência das respectivas

áreas, o que foi possível perceber. Com exceção de 01 educadora (Inglês), os demais todos possuem habilitação na área que lecionam. Os educadores lecionam nos turnos da manhã e tarde, os quais atendem educandos do ensino regular da Educação Básica.

As entrevistas com os educadores aconteceram entre os dias 13 e 19 de setembro de 2011, sendo os locais utilizados para realizá-las, a sala da coordenação pedagógica (ambiente mais discreto), a sala dos professores (opção dos educadores) e o comércio de um dos entrevistados. Não houve rejeição, nem negativa, mostraram-se receptivos em colaborar com a pesquisa.

Já com os educandos usou-se o critério de evasão no ano letivo de 2010 e retorno em 2011. Ainda, se entrevistou educandos que, até o presente momento, não retornaram a escola. Houve certa dificuldade em localizar os educandos, uma vez que boa parte dos evadidos são da Zona Rural, sendo necessário ir ao encontro deles – Sítios Terra Vermelha e Olho d'água Branco (Ver anexo A). Sendo este o momento mais difícil deste estudo.

Fez-se necessário ir ao campo em busca de educandos evadidos já em 2011, devido o fato desses educandos ter desistido no ano passado (2010), pois quais seriam os motivos de ter retornado e novamente abandonado, o que a escola deixou de ofertar para que não quisessem permanecer.

As entrevistas com os educandos aconteceram entre os dias 19 e 26 de setembro de 2011. Os locais utilizados para realização foram: sala de planejamento e leitura da escola, residência dos educandos, residência da pesquisadora. Não houve negativa em responder as indagações, com exceção de 01 pessoa, que não compareceu no lugar combinado.

As entrevistas (ver apêndice A) procuraram sondar a percepção dos/as educandos/as e educadores/as acerca da evasão escolar. Foram organizadas com 08 questões e como era semiestruturada, permitiu a inclusão de outras (perguntas), à medida que se fazia necessário.

Para gravação das entrevistas utilizou-se de um celular, posto que havia a necessidade de transcrição, na íntegra, das respostas para análise.

3. DESENVOLVIMENTO DA COLETA DE DADOS

Para desenvolvimento da coleta de dados foram realizadas diversas etapas, já especificadas na metodologia. No entanto, faz-se necessário uma apresentação dos dados coletados na pesquisa documental ampliando assim, a percepção do funcionamento da instituição.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz foi criada em 09 de março de 1974, pelo governador Ivan Bichara Sobreira, através do Decreto Nº 3.887 para funcionamento inicial do 1º Grau (atual Ensino Fundamental – Fase II). Depois, em 11 de abril de 1977, pelo Decreto Nº 7.235, foi implantado o 2º Grau (atual Ensino Médio). Localizada na Rua Professora Guiomar Coelho S/N, bairro do Pedregal, Sumé-PB, telefone 3353-2695.



Figura 1 - FRENTE DA ESCOLA¹
Fonte: autora, 2011.

¹ As fotos foram tiradas com autorização da gestão da escola. As pessoas que aparecem também permitiram que fossem tiradas as fotos. Foi um acordo verbal.



Figura 2 - ENTRADA DA ESCOLA
Fonte: autora, 2011.

A escola possui um terreno de 12.000m², sendo um espaço físico privilegiado na região do Cariri Paraibano, sendo considerada uma das maiores da região. Possui uma área térrea, outra área de 1º andar e um amplo terreno anexo (campo de futebol e vôlei de areia, desativados) possibilita ao educando identificar sua sala de aula e localizar-se nas dependências da escola com facilidade.



Figura 3 - A ESCOLA POR DENTRO/ VISTA O 1º ANDAR
Fonte: autora, 2011.

No 1º andar possui 12 salas de aula, 01 sala de vídeo e 02 baterias de banheiro (01 feminina e 01 masculina). No térreo, estão distribuídas 14 salas de

aulas. As demais dependências são: 01 sala de direção com almoxarifado, 01 sala de secretaria com arquivo, 01 auditório, 01 laboratório de informática com 10 computadores, com internet, 01 laboratório de ciências com alguns equipamentos, 01 sala de coordenação com 01 sala anexa, 01 sala de professores, 01 cozinha com despensa e refeitório, 01 banheiro para funcionários, 02 baterias de banheiro (feminino e masculino), 01 sala do ProJovem Urbano, 01 sala de vídeo, 01 biblioteca, 01 sala de leitura, 01 quadra poliesportiva coberta com 02 banheiros e vestiário anexos. A sala de Arte, Matemática, de Leitura e Planejamento tinham sido desativadas devido à cessão de salas a universidade, mas já foram devolvida e encontra-se sendo organizada (um espaço fundamental na formação dos jovens).



Figura 4 - SECRETARIA
Fonte: autora, 2011.



Figura 5 - DIREÇÃO
Fonte: autora, 2011.



Figura 6 - SALA DE LEITURA
Fonte: autora, 2011.

Dos espaços citados acima é importante frisar alguns pontos para compreensão da dinâmica escolar:

- Auditório – espaço pequeno, que não acomoda todos os membros da escola juntos, nem reuniões de pais e mestres, nem palestras com público grande. Encontra-se bastante desorganizado, com número de cadeiras insuficientes;



Figura 7 - AUDITÓRIO/ FONTE: AUTORA, 2011

- Salas de aula – amplas, com janelas e ventilação (que não são suficientes em tempos de grande calor) e iluminação natural e artificial adequadas. Em algumas salas existem ventiladores, a maioria quebrados, por mau uso e conservação;



Figura 8 - SALA DE AULA/ 2º ANO D
Fonte: autora, 2011.

- Biblioteca – espaço pequeno, escuro, com livros velhos e deteriorados, desorganizada. Não existe funcionário qualificado para essa função;



Figura 9 - BIBLIOTECA
Fonte: autora, 2011.

- Banheiros – mal conservados, com descargas quebradas e mau cheiro, apesar de serem limpos diariamente, nos três turnos. Não existem chuveiros (apenas no vestiário na quadra de esporte). Tem banheiro adaptado para pessoas com deficiência;



Figura 10 - BANHEIRO/ TÉRREO
Fonte: autora, 2011.



Figura 11 - BANHEIRO/ 1º ANDAR
Fonte: autora, 2011.

- Laboratório de informática – espaço amplo, climatizado, porém com máquinas desatualizadas, inclusive com alguns quebrados. Não existe profissional qualificado na área para dar assistência a educandos e educadores; Possui internet que funciona bem;



Figura 12 - LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA
Fonte: autora, 2011.

- Laboratório de ciências – espaço adequado para aulas experimentais com equipamentos (pipetas, provetas, microscópio, lâminas, termômetro, bastão de vidro, pinça etc), porém é pouco utilizado, pois não existe formação para que os educadores se apropriem desse espaço;



Figura 13 - LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS
Fonte: autora, 2011.

- Sala de professores – ampla, climatizada, equipada com mesas, cadeiras, estantes, sofás, geladeira, bebedouro, computador (sem internet). Dispõe de mapas e revistas para os educadores;



Figura 14 - SALA DOS PROFESSORES
Fonte: autora, 2011.

- Salas de vídeo – equipadas com televisões (plasma 32 polegadas e 29 polegadas convencional), aparelhos de DVD, vídeo e som. Quando necessário existem 04 datas show disponíveis;



Figura 15 - SALA DE VÍDEO/ TÉRREO
Fonte: autora, 2011.



Figura 16 - SALA DE VÍDEO 2/ 1º ANDAR
Fonte: autora, 2011.

- Refeitório – um espaço vazio sem mesas nem cadeiras que não proporciona conforto nem comodidade aos educandos que merendam pelos “cantos”;



Figura 17 - REFEITÓRIO
Fonte: autora, 2011.

- Cozinha – é pequena com pouca ventilação, mas com boa claridade. É equipada com fogão e liquidificador industrial, freezer e geladeira, mesa, cadeira e utensílios (panelas, pratos, facas, colheres, copos etc);



Figura 18 - COZINHA
Fonte: autora, 2011.

- Ginásio poliesportivo – tem padrões oficiais, é coberto, mas encontra-se necessitando de reformas, pois é um espaço bastante utilizado pela escola e pela comunidade.



Figura 19 - QUADRA POLIESPORTIVA
Fonte: autora, 2011.

A escola dispõe de alguns equipamentos, tais como: computadores; retroprojetor; data show; tela de projeção; caixas de som com mesa e microfones; máquinas fotográficas digitais; micro e mini systems; DVDs; TV de plasma e outras; máquina de Xerox; impressoras sem e com scanner; aparelho de fax; notebook. Ainda existem os livros didáticos; paradidáticos; livros de literatura infantil e juvenil; enciclopédias; assinatura de jornal local – Correio da Paraíba; assinatura de revista atualizada – Época; recebe revista como Pátio, Ciência Hoje, Nova Escola; jogos pedagógicos; dicionários de português e inglês.

A escola atende a educandos oriundos da Zona Urbana e Rural do município, nas modalidades de Ensino Fundamental – Fase II, Ensino Médio e EJA – Educação de Jovens e adultos (Fundamental e Médio), nos três (03) turnos – manhã, tarde e noite. Nesse ano letivo de 2011 possui 1.259 educandos, sendo 656 do Ensino Fundamental, 379 do Ensino Médio e 224 da EJA. Funcionam 36 turmas de ensino regular (18 matutinos, 18 vespertino – ensino fundamental e médio); 09 turmas da EJA (noturno – ensino fundamental e médio) e ainda, 10 turmas do Programa Pro Jovem Urbano (noturno), fazendo um total de 55 turmas.

A faixa etária dos educandos é de 09 até 51 anos, mostrando grande heterogeneidade, no que se refere à idade, classe social, modos de pensar e agir, religião, raça/ cor etc.

Com relação aos educadores que estão atuando nesse ano letivo de 2011, são 65 no total, que são distribuídos em três categorias dentro da escola: os efetivos – aqueles que fizeram concurso (37), os pro tempores – aqueles que são contratados de longo tempo (11), e os contratados² – aqueles renovados a cada ano, dependendo da política partidária em vigor (17). Dentre todos os educadores, 15 atuam em áreas incompatíveis com a sua formação, ministram aulas que não são de suas disciplinas (ex: formado em Matemática dando aula de Inglês, formado em Biologia dando aula de Português etc).

É importante destacar que 17 educadores possuem pós-graduação (especialização) e 04 duas licenciaturas. É um grupo de educadores, em sua maioria qualificados. Não existe muita inovação no ensino, ainda hoje, o quadro e o giz são as principais ferramentas de trabalho. Ainda, existem 11 que se encontram cursando o ensino superior.

No Ensino Médio trabalham 34 educadores, sendo que 12 possuem pós graduação, 13 licenciatura, 02 duas licenciaturas, e 07 cursando o ensino superior. Os educadores não são exclusivos de um nível (fundamental ou médio), alguns atuam nos dois.

No que se referem aos demais funcionários, são 51, e encontra-se organizados da seguinte maneira: 03 gestores (02 com pós-graduação e 01 com licenciatura), 02 apoio pedagógico (ambos com pós-graduação), 01 psicóloga (com pós-graduação) e 45 nas áreas de apoio – auxiliar de secretaria, de biblioteca, de informática, de limpeza geral, vigia, porteiro, inspetores de aluno, merendeira.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz tem suas bases metodológicas apoiadas na teoria tradicional, cuja concepção de ensino é baseada na exposição oral e na memorização, na qual o professor é detentor do saber, quem corrige, avalia e julga o educando, que por sua vez são meros receptores de informações, seres passivos no processo de ensino e aprendizagem. Isso é claramente observado nas salas de aula, porém, mesmo que de maneira inconsciente, os educandos começam a manifestar suas insatisfações,

² Nomenclatura utilizada pelo Governo Estadual para diferenciar as classes de educadores nas escolas.

pois não encontram sentido naquilo que lhes é oferecido. Um reflexo desse momento é a indisciplina, que gera rebeldia, não aceitação das imposições, do autoritarismo e da coerção. Porém, existem algumas exceções, que procuram inovar, ser criativos em suas práticas.

Nesse caminho a proposta pedagógica é desarticulada, descontextualizada da realidade do aluno. Assim, o currículo se apresenta de forma fragmentada, dividido por disciplinas que caminham isoladas em si mesmas. A interdisciplinaridade quase não existe, embora haja a compreensão da importância da interação e transformação entre as diferentes áreas do saber.

Os momentos de planejamento pedagógico ainda acontecem bimestralmente, onde são traçados os planos de unidades, na maioria das vezes, elencam-se apenas os conteúdos, ficando os objetivos, estratégias e avaliação para segundo plano. Aqui, se obedece apenas a formalidade, pois no dia a dia, os planos não são colocados em prática, gerando muito improviso, despreparo e aulas de má qualidade.



Figura 20 - SALA DE PLANEJAMENTO
Fonte: autora, 2011.

A avaliação utilizada é a classificatória, que exclui, reprova. Os conhecimentos do aluno, sua trajetória no processo de aprendizagem, seus avanços, nem sempre são considerados. Alguns educadores, ainda usam a avaliação como punição, ameaça.

3.2. PERFIL DOS EDUCANDOS

Os educandos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz são bastante heterogêneos a partir de suas diversidades, sendo importantes essas características para uma convivência em grupo.

Dos educandos atendidos pela escola no ensino médio (379), a faixa etária varia dos 14 anos aos 31 anos de idade. Com relação ao sexo, 44,1% são masculinos, enquanto que 55,9% são femininos.

Quanto a localidade que residem, 65,7% são da Zona Urbana, enquanto que 34,3% são da Zona Rural.

A partir das declarações dos pais e/ou responsáveis nas fichas de matrículas³, sobre a renda familiar, é interessante observar que 86,8% não declararam (fato que se justifica a partir da profissão, citado abaixo, por questões de aposentadoria futuramente), 7,4% declarou que recebe 01 salário mínimo, 2,9% declarou que recebe menos de 01 salário mínimo e 2,9% declarou que recebe mais de 01 salário mínimo, o que mostra que grande parte das famílias dos educandos são de baixa renda.

As profissões apontadas pelos pais e/ou responsáveis apresentam-se da seguinte forma: 76,7% são agricultores; 6,3% são professores; 3,4% não declararam profissão; 3,2% são aposentados; e 10,4% outras (funcionário público, estudante, auxiliar de serviço, auxiliar de secretaria, operário, comerciante, telefonista, motorista, agente de saúde, psicóloga, auxiliar de enfermagem etc).

Os educandos do ensino médio apresentam certa inquietude, são em sua maioria adolescentes e jovens em busca de identidade, que ainda não sabem, ao certo, o que querem da vida, a não ser curtir-la. Alguns são rebeldes, indisciplinados, mas apesar de toda violência divulgada através da imprensa (jornal, televisão, rádio) nas escolas, ainda respeitam a escola e os educadores, sendo portanto, exceções agressões físicas e verbais, que acontecem, mas não são rotinas. Sobre isso La

³ Os dados foram obtidos a partir das fichas de matrícula na secretaria da escola, coletados entre os dias 12/05 à 16/05/2011.

Taille (2007) a partir de resultados de pesquisa realizada com educandos do ensino médio aponta que

Os professores são considerados pela maioria dos alunos como importantes para o progresso da sociedade e, por dois entre três deles como pessoas que exercem influência sobre os valores dos jovens. (LA TAILLE, 2007, p.49).

Geralmente os educandos do ensino médio são mais “calmos”, não enfrentam os educadores desrespeitosamente. Percebe-se que a educação familiar contribui para a forma de comporta-se na escola, faltam orientações que são adquiridas no meio familiar – amor, tolerância, honestidade, respeito, verdade etc – muitas vezes através de um simples exemplo que irá contribuir para a formação do ser pessoa. Para La Taille (2007, p. 48) “Os alunos querem adultos que não somente instruem, mas também eduquem, que não apenas lhes apresentem o mundo, mas também lhes mostrem como nele caminhar”.

E esse é um papel que cabe, não somente a escola, mas também a família, muitas vezes ausente do processo educativo. Há constante queixa da falta de diálogo em casa, por parte dos educandos.

3.3. AS POLÍTICAS EDUCATIVAS NA ESCOLA E A EVASÃO ESCOLAR A PARTIR DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

O Projeto Político-Pedagógico se configura como a identidade da escola. A partir dele é possível conhecer os objetivos, metas e finalidades de uma escola, assim como as diretrizes curriculares, que segundo Libâneo (2009, p.36) “... é a concretização, a viabilização das intenções e das orientações expressas no projeto pedagógico”.

O Projeto Político-Pedagógico indica a direção que todos os membros da escola devem seguir os princípios e normas que regerão a ação pedagógica cotidiana, não só dos gestores e educadores, mas também funcionários, educandos e famílias. Precisa ser completo para chegar a um fim, que não é término, pois o Projeto Político Pedagógico, segundo Gadotti (2000, p. 2) “... é sempre um processo inconcluso, uma etapa em direção a uma finalidade que permanece como horizonte da escola”. Portanto deve ser flexível para atender as necessidades de

aprendizagem dos educandos, deixando claras as ações que colaborarão para que esse processo aconteça.

Para Reis, “[...] pensar um projeto de educação implica pensar o tipo e qualidade de escola, a concepção de homem e de sociedade que se pretende construir” (REIS, 2001, p.1). Logo, o projeto político pedagógico, vai organizar os princípios que regem a escola, delimitando o foco que se pretende atingir, como o tipo de pessoa que se quer formar, a teoria que dá sustentação, os fins a que se destina etc. É uma orientação sobre que caminhos a escola deve seguir.

Então, para identificar e analisar as possíveis estratégias político-educativas que a escola tem desenvolvido no enfrentamento do problema da evasão escolar, se recorreu ao Projeto Político-Pedagógico, documento disponível na escola que deveria trazer em sua estrutura e organização, ações que pudessem contribuir com a minimização ou erradicação desse problema.

O Projeto Político-Pedagógico⁴ da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz possui em sua estrutura os seguintes pontos:

1. Histórico da escola – que aborda criação da escola; instalações físicas; área de abrangência; quadro docente (ensino fundamental e médio); atividades desenvolvidas (jogos internos, desfile cívico, feira de ciências); conselho escolar (órgão colegiado da escola); nível social e econômico dos educandos; faixa etária; filosofia; realidade da escola (nos termos legais, históricos, pedagógicos, financeiro e físico); o papel do grêmio estudantil; fundamentação teórica; elaboração de projetos; perfil do educando; papel dos pais
2. Contextualização da escola – que aborda a localização da escola, decreto de criação, público alvo, criação e membros do conselho escolar (época da elaboração 2003); quadro demonstrativo (gestores, pessoal de apoio e educadores – quantidade por disciplinas); número de educandos; equipe pedagógica do CEPES – Centro Paraibano de Educação Solidária.
3. Organização do Projeto Político Pedagógico – que inicia com uma apresentação; seguindo da missão, contextualização, características, garantias, finalidades, considerações finais, bibliografia e anexos.

⁴ Elaborado em 2003, com última revisão em 2005.

4. Proposta Curricular – faz uma apresentação, elencando os conteúdos das disciplinas de acordo com os anos (séries).
5. Calendário escolar e de atividades do ano letivo de 2003.
6. Alguns projetos didáticos pedagógicos desenvolvidos na época – Festas Juninas; Folclore na Escola; Agenda 21/ Saúde e Cidadania – Com Vida; A matemática nas relações comerciais na feira livre de Sumé.
7. Fotos de momentos na escola – Dia das Mães; Oficina de reciclagem; São João; Seminário Estadual de Educação; Palestras; Desfile Cívico; Conferencia do Meio Ambiente; Olimpíada de Matemática; Jogos Internos.

No item um (1) não existe ação alguma que contemple o tema evasão escolar, nem mesmo quando apresenta papel dos pais, descrevendo apenas objetivos. Aqui deveria existir pelo menos um objetivo que envolvesse os pais e/ou responsáveis nessa problemática, uma vez que as faltas injustificadas e evasão escolar são pontos chaves na aprendizagem educandos, pois é a família, responsável direta, pela freqüência dos educandos na escola, encaminhando-os diariamente; assim como, é responsabilidade da escola, que os recebe, acionar quem for necessário (pais, Conselho Tutelar, Ministério Público), comunicando as ausências freqüentes, para assim evitar o abandono. É sabido que quando esgotados os esforços para permanência do educando na escola, se faz necessário informar ao Conselho Tutelar para que tome providências. No ECA, Art. 54 - § 3º, diz que “Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável pela freqüência à escola”. O documento de referência da CONAE diz que,

A expectativa de garantia do direito à educação, seja dos estudantes, seja dos pais, mães e/ou responsáveis, dos professores e da comunidade em geral, pode, portanto, ser considerada fator importante para o desempenho e sucesso escolar. (CONAE, 2010, p.127).

No item três (3), quando a proposta do Projeto Político Pedagógico se consolida, não ficam evidentes as ações de combate à evasão escolar. Quando aborda as Garantias⁵ apresenta dois objetivos que poderiam combater a evasão que são: “Atividades de lazer onde o educando possa descobrir e desenvolver suas

⁵ Item que consta no PPP da escola, e faz referência ao que assegura (direitos, benefícios) ao educando e comunidade escolar.

competências e habilidades” e “Acompanhamento aos educandos que tem baixo rendimento escolar”⁶. Este ponto conversa com Nutti e Soares, quando afirmam que

O aluno com conhecimento defasado fica com baixa autoestima acadêmica. O caminho natural é o abandono, pois ele vai se sentir valorizado em outras atividades, como no esporte ou no trabalho. Cabe ao professor ter o hábito de vê pontos a serem elogiados para motivá-lo. (NUTTI; SOAES, 2011, p.7).

No entanto, o que se observa na prática são ações isoladas de um ou outro educador, que se preocupa com o desaparecimento do educando da sala de aula e conseqüentemente da escola, sem um planejamento prévio, articulado a uma proposta pedagógica. Fato que, normalmente, não é informada aos gestores para tomada de providências, o que ao término do ano letivo, aparece em números altos e preocupantes, pois novamente serão dados engavetados, sem discussões nem análises dos porquês.

O item quatro (4) que traz a proposta curricular é centrado na descrição dos conteúdos por disciplinas e anos (séries) de forma isolada e fragmentada. Traz objetivos para cada disciplina de maneira geral, ou seja, para todos os anos e não ano a ano, logo, se deduz uma homogeneidade, onde os anos (séries) são tratados de maneira igual – Ensino Fundamental e Médio. Arroyo (1999, p. 155), diz que “[...] a educação acontece em uma trama de continuidade de práticas, valores, procedimentos, rituais, saberes e cultura [...]”, assim não é possível conceber uma proposta curricular a partir apenas de conteúdos, pois há todo um entrelaçamento que irá complementar os conhecimentos das disciplinas, mas de maneira interdisciplinar. Como chama a atenção Libâneo (2009, p. 363), “Aquilo que os alunos aprendem na escola ou deixam de aprender depende de muitos fatores, e não apenas das disciplinas previstas na grade curricular.”

Por fim, observa-se que o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz não propõe ações efetivas que procurem combater a evasão escolar, apenas se percebe uma ou outra intenção, que aparecem nas entrelinhas, de maneira indireta, não dita claramente.

Portanto, falta uma política de combate a evasão escolar, que tem sido recorrente, sem articulações que colaborem para a superação dos índices. É necessário que a escola passe a perceber a evasão escolar como um fator

⁶ Escrita dos objetivos conforme consta no PPP da escola.

agravante, que compromete o plano de uma educação comprometida com a permanência do educando em sala de aula (na escola).

Como se percebe não existe uma política voltada para a permanência do educando na escola, fato comprovado no levantamento de dados a partir da pesquisa documental, quando observando os diários de classe, constatou-se já um número considerável de abandono/ evasão, outros com muitas faltas, e investigando descobriu-se que boa parte desses educandos são menores, fato que a escola não poderia permitir, porém é falho o trabalho, pois falta o educador informar que seus educandos não estão freqüentando as aulas, falta um acompanhamento mais próximo da equipe de apoio pedagógico, falta mobilização da equipe gestora (que também deveria se envolver nas questões pedagógicas da escola e não somente nas burocráticas, como tem frequentemente acontecido). Nos dados levantados constatou-se que 30 educandos, 7,9%, já encontram-se evadidos ou com muitas faltas (que certamente ocasionará em evasão ou repetência)

A efetivação do PPP na escola poderia contribuir para a melhoria desse quadro, devido sua relevância na intervenção de questões assim. Seria importante pois, considerar a diversidade da escola, uma vez que o ideal não existe, e torna-se utópico tratar todos igualmente, o que, embora se diga não, é percebido na dinâmica do dia a dia, pois não existe uma política diferenciada de tratamento as necessidades (educando, educador, escola). Segundo o documento de referência da CONAE

A democratização do acesso, da permanência e do sucesso escolar passa, certamente, por uma valoração positiva da escola. A instituição educativa de boa qualidade é vista positivamente pelos estudantes, pelos pais, mães e/ou responsáveis e pela comunidade, o que normalmente resulta em maior empenho dos estudantes no processo de aprendizagem, assim como na maior participação das famílias no projeto político-pedagógico da escola. (CONAE, 2010, p.125).

Então incorporar conhecimentos e saberes diferenciados que a comunidade escolar possui, numa perspectiva contextualizada, com diretrizes políticas condizentes com as reais aspirações, é um caminho para se solucionar muitos problemas, que nem sempre são difíceis, desde que aja prevenção ou combate.

Os índices de evasão nos anos de 2008, 2009 e 2010, se revelaram consideráveis(conforme tabela), que teve uma diminuição em 2009, mas que em 2010 voltou a crescer. Em 2008, houve um sério problema de transporte escolar,

que impediu muitos educandos da Zona Rural de freqüentar as salas de aula, quando os convênios entre Estado e Município não foram firmados, estendendo-se por meses o problema, por falta de repasse de verba. Em 2009, voltou à normalidade e os educandos permaneceram mais na escola. Porém, em 2010, logo no início do ano letivo, aconteceu uma greve que durou trinta (30) dias, afastando aqueles que já não tinham o interesse de estudar. Novamente este ano, no mês de maio, aconteceu outra greve, que teve duração de vinte e dois dias (22), o que provavelmente irá incidir sobre os números finais de evasão/ abandono escolar.

TABELA 1: NÚMEROS DA EVASÃO 2008, 2009, 2010

ANO 2008				
TOTAL DE EDUCANDOS	MATRÍCULA FINAL	EVADIDOS	APROVADOS	REPROVADOS
439	351	61	311	40
100%	79,95%	13,9%	70,8%	9,1%
ANO 2009				
TOTAL DE EDUCANDOS	MATRÍCULA FINAL	EVADIDOS	APROVADOS	REPROVADOS
407	359	29	300	59
100%	88,2%	7,3%	70,8%	9,1%
ANO 2010				
TOTAL DE EDUCANDOS	MATRÍCULA FINAL	EVADIDOS	APROVADOS	REPROVADOS
458	364	50	319	46
100%	79,5%	10,9%	69,7%	10,0%

FONTE: Dados da pesquisa / Secretaria da escola.

Como se percebe não existe políticas educativas na escola que colaborem com a redução da evasão.

A partir de pesquisa documental realizada, nos diários escolares dos educadores, no mês de setembro de 2011, constatou-se 7,9% de evasão e baixa frequência nas turmas do ensino médio regular, o que é preocupante, pois certamente haverá um acréscimo nos índices de evasão escolar, porém (espera-se) que estes dados sirvam como base para uma reflexão apurada na escola, sobre estratégias de prevenção e redução desses números.

No ano letivo de 2011, após mapeamento, se identificou que apenas nove (9) educandos retornaram a escola, sendo que em 2010 foram 10,9% de evadidos, equivalendo esse número de retorno, apenas a 1%. Percebe-se, então, que os educandos estão indo embora e não estão voltando, pelo menos no ensino regular diurno, fato preocupante, pois onde estão esses jovens e o que fazem?

4. MARCO TEÓRICO

A educação brasileira tem enfrentado diversos desafios ao longo do tempo, alguns aos quais, já alcançaram objetivos e metas, como mais crianças e jovens nas escolas, oferta de livros didáticos no ensino fundamental e médio, garantia de merenda e transporte escolar, reformas e ampliações das escolas etc. Porém é perceptível, que muitas destas ações, que partem do governo federal, ainda não atendem as demandas nas esferas estaduais e municipais, principalmente quando se analisa os indicadores nacionais, como a Provinha e Prova Brasil, Saeb, Enem, mostrando que as políticas públicas ainda são ineficientes.

Nesse contexto, a evasão escolar tem sido um problema recorrente, que tem suas causas em várias esferas (sociais, familiares, escolares) e um de seus alvos tem sido o ensino médio, fase de ensino determinante para os jovens, pois

Em nosso atual estágio de desenvolvimento, a inserção no mercado de trabalho depende cada vez mais da conclusão do Ensino Médio. Para quem desiste antes, resta o subemprego ou o emprego no mercado informal ou marginal. (ENGEL, 2010, p.1).

Assim, faz-se necessário políticas educacionais e públicas que mantenham contato direto com seus envolvidos, que seja dotada de sentido e significado, por partir da realidade de vida das pessoas. Nesse caminho a educação contextualizada é viável, pois valoriza o lugar, a cultura, as pessoas, trazendo de volta o que se perdeu ao longo da história, uma vez que o processo histórico de colonização desse lugar (semiárido) impôs uma dominação política injusta e desumana baseada na submissão e na exploração.

4.1. A EVASÃO ESCOLAR

A evasão escolar se caracteriza como um grave problema educacional brasileiro, sendo responsável pelo fracasso escolar de muitos educandos, o que na realidade corresponde também ao fracasso de muitos educadores, de diversas

famílias, da escola, do sistema educativo, do Estado. Quer dizer, é sintomático, é a comprovação de que a situação não é boa, sob variados aspectos, pois acaba não reconhecendo ou encontrando na escola sentido para sua permanência. É uma situação preocupante, uma vez que de acordo com a Constituição Federal (1988) e a LDB (1996) o Estado deve garantir o acesso a todos que queiram freqüentar a escola, tornando ilegal a não permanência.

No entanto, observa-se que não existem políticas públicas que garantam a permanência, apenas o acesso do educando. O que é contraditório no processo de educação, pois a permanência é um dos elementos que garante a conclusão dos estudos, a aquisição de conhecimentos sistematizados, uma condição de vida pessoal e profissional mais promissora. Menezes diz que:

É necessário que os órgãos estaduais condigam esforços para reduzir o nível de evasão nas nossas escolas, oportunizando as crianças de hoje o acesso a um futuro que se desenha difícil para as gerações vindouras, principalmente se estes não tiverem uma sólida formação educacional. (MENEZES, 2010).

Nesse caminho, o educando é o grande prejudicado, pois, é solitário, não conta com a escola, que há muito perdeu o sentido, tornando-se desinteressante, alheia às mudanças do tempo e as às novas necessidades; a família, que entregou (repassou) para escola responsabilidades de cuidar e educar, que são suas, ausentando-se; os educadores, desmotivados, preocupados mais com questões salariais do que com processo de ensino-aprendizagem (seu e de seus educandos), embora ambos sejam fundamentais; a gestão escolar, envolvida com as burocracias, relegando o pedagógico; as políticas públicas, insuficientes e ineficazes, que parecem sufocar o grito dos excluídos. Enfim, o educando não tem a quem recorrer, não vê soluções para seus problemas, então prefere abandonar as salas de aulas para buscar na vida o que a escola não foi capaz de lhes oferecer. Afinal, não é uma das funções da escola preparar o educando para a vida?

A escola acabou por assumir inúmeros compromissos que lhes foi imposto, perdendo, assim, seu foco, sua identidade. Hoje, conforme sua organização não atinge seus objetivos, dentre eles o de ensinar, o que é preocupante, pois seria essa uma de suas funções principais.

Infelizmente, os profissionais (gestores, equipes técnicas e educadores) da escola não têm clareza quanto aos seus objetivos e função, sentindo dificuldades em realizar seus papéis, e sem uma direção, acabam sem propósitos, contribuindo também para o fracasso escolar. Nesse caminho, estão os pais, a sociedade, que cobra a escolarização e a aprendizagem dos educandos, sem, no entanto, se envolverem diretamente, legando somente a escola essa função. Porém é sabido que,

A comunidade precisa assumir uma participação mais vigorosa na gestão da escola pública. Comprovadamente, a mobilização da comunidade estabelece um diferencial que repercute de modo positivo tanto em relação à eficiência na gestão dos recursos quanto na melhoria da qualidade do ensino. (WAHRHAFTIG, 2001, p. 210)

Na prática, no cotidiano escolar, as culpas recaem sobre os educandos. É deles a responsabilidade da não escolarização, da não aprendizagem, da falta de motivação. Os profissionais da escola, pais e sociedade se eximem, em sua maioria, de culpas, mas é complicado afirmar que os educandos “não querem nada”, afinal, é muito cômodo culpá-los do que tomar o fracasso escolar como falha institucional ou social, sendo necessária uma avaliação sobre todos os determinantes, buscando identificar as responsabilidades. E nem sempre há vontade de se avaliar, pois existe a possibilidade de se apontar as vulnerabilidades, as fraquezas, os erros. Segundo Arroyo

[...] na maioria das causas da evasão escolar a escola tem a responsabilidade de atribuir à desestruturação familiar, e o professor e o aluno não têm responsabilidade para aprender, tornando-se um jogo de empurra. (ARROYO, 1997, p.23).

A evasão escolar, um dos graves problemas responsáveis pelo fracasso escolar, é preocupante, começando no ato da matrícula, quando as escolas, já prevendo uma evasão, eleva o número de educandos por turma, o que, geralmente, se confirma no decorrer de um ano letivo, principalmente quando esses educandos são repetentes, trabalham, ou simplesmente, não gostam da escola, por um ou outro motivo, como problemas com educadores, gerando desinteresse e desmotivação, fato relatado no seguinte caso:

Comecei, eu acho que aos 4 anos...) Aí fiz até 2ª série, foi quando eu viajei para outra cidade e fui estudar em escola pública, aí estudei a 3ª série lá. Quando eu voltei [...]. No fundamental da 5ª a 8ª, foi perdido, não fui bem preparado, foi ruim demais, acho que porque a

escola era mais pro lado da agricultura né? Então eu não aprendi muito não. Sofri quando cheguei ao ensino médio. Do 1º ao 2º ano estudei no colégio e iniciei o 3º, só que não vou terminar não, por causa do trabalho.

Percebe-se que é necessário cuidar do educando, motivando-o, assistindo-o e dando-lhe as condições básicas para que ele desperte o interesse e a conscientização de que o estudo é importante para seu presente e futuro. Não é permitida outra prática dentro de uma instituição escolar, seja pública ou privada.

Ao educando não deve ser negado o direito ao sonho, à crença de que pode ser melhor, ter mais, caminhar por caminhos nunca antes imaginados. E a escola deve ser essa ponte. Como diz Alves

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.(ALVES, 2001, p.1).

Portanto, a escola não deve engrossar a evasão escolar, mas adotar medidas que possam ser tomadas para amenizar os problemas do abandono da escola, colaborando para a eliminação desse problema dos quadros educacionais brasileiros.

Assim, a escola não pode se manter atrasada, sem inovações que concorram com o mundo além dos seus muros, caso contrário não conseguirá reverter esse quadro de evasão escolar, a não ser que frente às novas metodologias e tecnologias, a criatividade humana, a didática e a dimensão pedagógica sejam aguçadas ou despertadas nos membros que compõem a escola.

Para isso, a escola conta com fortes aliados, que acolhem e protegem crianças, adolescentes e jovens: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que afirmam que um número elevado de faltas sem justificativa e a evasão escolar ferem os direitos das crianças e dos adolescentes. Assim, a escola deve esgotar seus recursos para

garantir a permanência dos educandos, recorrendo, ainda, ao Conselho Tutelar ou ao Ministério Público quando suas medidas não forem eficazes, porém não deve haver descaso com a problemática.

Mas quais seriam os motivos para justificar a evasão escolar? Segundo o Promotor de Justiça de São Paulo, Luiz Antonio Miguel Ferreira seriam eles:

Escola: não atrativa, autoritária, professores despreparados, insuficiente, ausência de motivação, etc;

Aluno: desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde, gravidez, etc;

Pais/responsáveis: não cumprimento do pátrio poder, desinteresse em relação ao destino dos filhos, etc;

Social: trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre os alunos, violência em relação a gangues, etc. (FERREIRA,2010).

As causas da evasão escolar apresentam inúmeros envolvidos, que emergem nas políticas públicas ineficientes, porém o foco permanece sendo sempre o educando, isentando educadores, gestores, pais e Estado.

A evasão sugere que o aluno que se evade deixa um espaço e uma oportunidade que lhe foi oferecida por motivos pessoais e familiares. Portanto ele é responsável pela sua evasão. Quando o aluno se evade o professor não tem nada a ver com isso. (ARROYO, 1986, p.39)

Entretanto, segundo Azevedo (2006, p. 11) “a evasão escolar está interligada a muitos fatores, cabe hoje a escola refletir e questionar, qual a sua contribuição negativa e buscar metas e ações que possam amenizar este problema”, que não está restrito somente a questões intrapessoais, mas fortemente as questões intraescolares como os “fatores didáticos e pedagógicos que têm deixado os educandos desestimulados e com baixa estima” (AZEVEDO, 2006, p.14).

Porém, segundo Nutti e Soares (2011, p. 7) é possível reverter esse quadro de desânimo e abandono se algumas providências forem tomadas no cotidiano da sala de aula como: o educando que tem dificuldade de aprendizagem necessita de mais tempo para aprender, sendo necessário um tempo além da aula na escola e fora dela; as atividades propostas devem considerar os níveis de aprendizagem, pois nem todos sabem as mesmas coisas, embora no mesmo ano; a escola tem que

ser interessante, interagindo com as novidades além de seus muros; a escola precisa ajudar o educador dando suporte pedagógico, ele precisa saber que não está só, que não é o único responsável pelo sucesso ou fracasso do educando; e por fim, oferecer um bom espaço físico, com iluminação, claridade, ventilação e equipamentos adequados para uma boa aprendizagem.

O aluno com conhecimento defasado fica com baixa autoestima acadêmica. O caminho natural é o abandono, pois ele vai se sentir valorizado em outras atividades, como no esporte ou no trabalho. Cabe ao professor ter o hábito de vê pontos a serem elogiados para motivá-lo. (NUTTI; SOARES, 2011, p. 7)

Portanto, a evasão escolar é uma realidade nas escolas públicas brasileiras que não têm avançado nas suas políticas educacionais para superá-la.

Os educandos do Ensino Médio, última etapa da educação básica, têm sido alvos constantes desse atraso, interrompendo seus estudos e com ele as perspectivas de futuro.

4.2. O ENSINO MÉDIO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

O ensino médio há algum tempo vem ganhando espaço no cenário das políticas públicas brasileiras, uma vez que mediante as exigências de mão de obra qualificada, perpassaria pela formação integral do cidadão, que segundo Berger Filho:

Para cumprir os três objetivos primordiais da educação básica – o desenvolvimento pessoal e da cidadania, a preparação básica para o mundo da produção e o domínio dos meios para continuar aprendendo – deve-se desenvolver essa concepção de educação geral. As competências, os conhecimentos e as habilidades requeridas para qualquer um desses fins são as mesmas. (BERGER FILHO, 2001, p. 136).

A LDB (1996) em seu art. 35, diz que o ensino médio é “etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos”, logo, deveria ser alvo de grandes investimentos, pois consolidaria o sucesso escolar. No entanto, durante muito tempo ficou relegado a segundo plano, sendo ofertado de maneira tímida e isolada, algumas vezes financiado pelos Estados, que devido a faltas de verbas específicas, não investiam.

O ensino médio é etapa final de uma educação de caráter geral, afinada com a contemporaneidade, com a construção de competências básicas, que situam o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho, e com o desenvolvimento da pessoa, como 'sujeito em situação' – cidadão. (BERGER FILHO, 2001, p. 193, grifo do autor)

Observa-se que há um afunilamento de números de educandos à medida que se avança nas séries (ano). Geralmente, é no ensino fundamental que há uma grande diminuição desses números, ingressando para o ensino médio, aqueles que priorizam a educação para conseguir melhorias na qualidade de vida e ascensão social, seja por si próprio ou por incentivo ou obrigação da família.

No ensino médio, os educandos, em sua maioria, estão alcançando a maior idade ou, em muitos casos, já alcançaram devido o atraso por repetência ou abandono.

Nesse sentido, Wahrhaftig afirma que:

Não podemos ignorar uma das características mais marcantes do sistema educacional brasileiro, que são os elevados índices de distorção idade/série verificados tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Esse fenômeno, por sua vez, está associado à baixa qualidade do ensino, da qual decorrem os elevados índices de repetência e evasão. (WAHRHAFTIG, 2001, p.205).

É interessante perceber já de início, que a permanência e o avanço do educando nas séries (ano), depende da qualidade do ensino que é ofertado. Logo, fica uma questão para reflexão: e por que não existem, então, investimentos na melhoria da educação, se a responsabilidade pela mudança nos índices de repetência e evasão depende diretamente dele? Há de se imaginar que não existe vontade política em mudar esse cenário, retomando a hegemonia das classes dominantes que determinam os progressos de uma sociedade. Para Paulo Freire,

Esta dicotomia existe, como condição necessária, na situação de dominação, em que a elite dominadora prescreve e os dominados seguem as prescrições.

Para dominar, o dominador não tem outro caminho senão negar às massas populares a práxis verdadeira. Negar-lhes o direito de dizer sua palavra, de pensar certo. (FREIRE, 2005, p. 143).

Passos , acrescenta que

[...] a escola. Este é o Aparelho Ideológico do Estado que mais influencia no momento, pois é a escola quem dá formação a todas as crianças, independentemente de classe social, desde o maternal até a universidade. É a escola quem atua nos anos “vulneráveis”, onde a criança está aprendendo os valores sociais.

Portanto, é através da educação que a reprodução das relações de produção ocorre. Esta ideologia, entretanto, está oculta, pois a escola é tida como neutra na formação do indivíduo. A escola desempenha um papel determinante na reprodução das relações de produção de um modo de produção ameaçado em sua existência pela luta mundial de classes. (PASSOS, 2009).

Portanto, a escola repete aquilo que lhe é imposto, mesmo que, muitas vezes, ocultamente, entre as linhas do discurso, reforçando as ideologias. E isso independe do nível de ensino. Seria necessário mudar o discurso para então mudar a ação, como Freire (2005, p. 147) sonhava quando afirmava que “esta transformação não pode ser feita pelos que vivem de tal realidade, mas pelos esmagados, com uma lúcida liderança”.

É perceptível que para que o país avance nos resultados, é preciso investir em vários setores da educação – formação de educadores, construção e reforma de escolas, informatização, melhoria salarial, equipamentos e matérias adequados etc. Para Wahrhaftig:

[...] a reorganização do ensino médio enfrenta duplo desafio de, por um lado, incrementar fortemente a capacidade de atendimento dos sistemas, respondendo ao imperativo constitucional da “progressiva universalização do ensino médio gratuito” e, por outro lado, alavancar a melhoria da qualidade do ensino, criando condições efetivas. (WAHRHAFTIG, 2001, p. 204, grifo do autor)

A partir dessa citação, se abre a visão do ensino médio no sentido de ampliar sua oferta, garantindo a todos, de fato, seu acesso. Não apenas no sentido de vagas, mas principalmente de permanência e conclusão. Assim, Berger Filho (2001, p. 2010) afirma que “esta será a principal tarefa e o principal desafio para a educação do país, na próxima década: universalizar a oferta de ensino médio, mas, sobretudo, universalizar a boa qualidade do que for ofertado”. Logo, é importante que essa oferta venha com qualidade, incentivo, para que assim o educando encontre sentido em está na escola, enxergando um futuro próximo e promissor, e não apenas sendo mais um, que pouco aprende, pouco entende e conseqüentemente pouco mudará sua trajetória de vida.

Logo, para Wahrhaftig,

O acesso ao ensino médio é um direito assegurado pela Constituição e o Poder Público não pode renunciar ao dever e atendê-lo de modo satisfatório. [...] As políticas educacionais devem refletir a busca desses objetivos, pois o aumento da escolarização da população terá impactos muito positivos sobre o desenvolvimento social, o perfil de distribuição de renda e o posicionamento do Brasil no cenário internacional. (WAHRHAFIG, 2001, p. 206).

Assim, é do interesse das políticas educacionais que o ensino médio aconteça, logo começa a ganhar novas perspectivas, saindo da exclusão e das margens. Para reversão desse quadro de abandono do ensino médio, que perdurou por longos anos, começam a acontecer investimentos, principalmente com o FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - (antes FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental), que passa da assistência apenas ao ensino fundamental para toda educação básica, incluindo também creches, educação infantil, ensino médio, educação de jovens e adultos. Um importante passo na aquisição de recursos e valorização da educação como um todo (não apenas uma parte), pois sua “finalidade é aumentar os recursos aplicados pela União, Estados e Municípios na educação básica pública e melhorar a formação e o salário dos profissionais da educação” (HANZE, 2011). Porém, é importante que esse investimento financeiro, venha como contrapartida para a universalização dessa etapa da educação básica, tão fundamental quanto às demais, garantindo acesso e permanência, que culminem em resultados positivos para a educação, pois não basta só investir, mas consolidar uma proposta educacional eficiente, que colabore com a minimização dos alarmantes números de evasão e abandono.

Neste caminho de mudança, surge a proposta do Ensino Médio Inovador, a qual o CONSED - Conselho Nacional de Secretários de Educação – vê com ressalvas as mudanças no ensino médio, a partir da proposta do Ensino Médio Inovador, política do MEC – Ministério da Educação, voltada para a repaginação do ensino médio cuja intenção é estimular as redes estaduais de educação a pensar novas soluções que diversifiquem os currículos com atividades integradoras, a partir dos eixos trabalho, ciência, tecnologia e cultura, para melhorar a qualidade da

educação oferecida nessa fase de ensino e torná-la mais atraente.⁷ Prevê ainda um aumento na carga horária que passará para três mil horas – um aumento de 200 horas a cada ano; também pretenderá oferecer ao educando a possibilidade de escolher 20% de sua carga horária e grade curricular, dentro das atividades oferecidas pela escola (geralmente em horário oposto ao estudado).

É uma proposta que quer aliar teoria e prática a partir da realização de atividades práticas e experimentais, como aulas práticas, laboratórios e oficinas em todas as áreas, valorizando a leitura e a cultura, de modo que o educando tenha acesso e se aproprie desses conhecimentos. Entretanto essa proposta ainda não foi disseminada por todas as escolas do Brasil, sendo um projeto piloto que atende em média 100 escolas no país. As escolas beneficiadas recebem verbas para compra de equipamentos e desenvolvimento de formações continuadas para educadores, oferecimento de cursos (como Seminários Vocacionais), aulas passeio e cultural para os educandos. É uma proposta que ainda não sensibilizou o educador, visto que amplia, também, seu horário de trabalho e até o momento, sem nenhum benefício salarial. O que se observa é que nada que seja mais trabalhoso ou exija disponibilidade do educador, não é bem visto, uma vez que estão com suas cargas horárias lotadas, distribuídas geralmente em três turnos. Portanto, não existe espaço, a menos que sejam bem remunerados e possam abrir mão de um dos trabalhos, que lhes ajuda a sobreviver com dignidade.

Para Maria Auxiliadora Seabra Rezende (Prof^ª. Dorinha), presidente do Consed,

Do ponto de vista operacional, nós secretários vemos com muitas restrições. O Consed ponderou tudo isso: o momento político; a formação de professores; o nome "Ensino Médio Inovador", que é ousado demais e dá uma idéia de que tudo o que está acontecendo é velho, não presta, não funciona e que nós vamos, agora, salvar o Ensino Médio com uma proposta especial, miraculosa. Temos receio sobre isto. Muitas dessas mudanças já estavam nas diretrizes. Vale lembrar que é a última etapa da Educação Básica, que tem problemas graves na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Não há nada de milagroso. O que temos colocado é que o Ensino Médio precisa realmente de um olhar especial, agora isso precisa ser pactuado. Não é possível ignorar que a responsabilidade do Ensino Médio é dos estados.

⁷ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 10/06/11.

Nesse momento, a proposta do Ensino Médio Inovador encontra-se parada, uma vez que era política do Presidente Luiz Inácio da Silva – Lula, embora o ministro da educação Fernando Haddad permaneça no governo da Presidente Dilma Rousseff, sabe-se que é necessário um tempo político do governo federal e de muitos governos estaduais para sua reestruturação e até ampliação, garantindo maior participação das escolas públicas.

Na verdade o Ensino Médio (Inovador ou não) precisa ser mais visualizado e repaginado. Seguindo caminhos que adentrem o universo juvenil e transforme suas vidas, a partir da aquisição de conhecimentos solidificados e com significados, que abrem as várias áreas do saber e rompem com as fragmentações, pois os educandos, hoje, mal sabem ler o mundo que os cercam, decodificam palavras, frases, textos, mas, no entanto não sabem ou entendem os porquês ou as razões das coisas.

Outra questão evidente nas escolas públicas brasileiras é o número de educadores insuficientes para a demanda, embora os números da evasão persistam altos. Nas escolas é normal a ausência de educadores habilitados em determinadas disciplinas, como Física, Química, Língua Estrangeira (Inglês e Espanhol), Arte, Português, deixando o aprendizado a desejar, uma vez que, quando não ficam sem esses educadores por bastante tempo, assumem pessoas sem conhecimentos específicos da área, dificultando a interdisciplinaridade entre as disciplinas e reforçando cada vez mais a fragmentação, pois aquilo que não se domina, não permite a possibilidade de criação de pontes, não porque não seja possível, mas por não saber como. E o que agrava a situação é perceber o que Franco e Novaes afirmam em seu artigo sobre “Os jovens do ensino médio e suas representações sociais”

Pode-se deduzir que as universidades não estão estruturadas de modo a formar professores de Física, de Matemática, de Biologia, de Línguas, de Sociologia etc., capazes de dominar o conteúdo específico de suas disciplinas e adquirir as habilidades e competências indispensáveis para o enfrentamento do desafio de ter que preparar suas aulas em uma perspectiva interdisciplinar. De fato, as universidades estão basicamente direcionadas para a busca de informações e conhecimentos em determinadas áreas do saber, sem preocupação com uma postura acadêmica que considere a importância do estabelecimento de relações interdisciplinares entre áreas afins e, muito menos, entre áreas correlatas. (FRANCO; NOVAES, 2001, p. 170).

O Plano Estadual de Educação do Estado da Paraíba [200-] traz essa realidade dos educadores quando diz que

Quanto aos professores que atuam no Ensino Médio, 71,3% são portadores de licenciatura plena. Entretanto, o índice de professores leigos no Ensino Médio eleva-se em consequência de professores que lecionam em áreas para as quais não estão habilitados, especialmente na área de Ciências. (PARAÍBA, [200-], p.30).

Alexandre Garcia, no Bom Dia Brasil (2010), fez comentários acerca da importância que a educação tem para os poderes públicos, nenhuma, tornando o ensino medíocre, desvalorizando os educadores/as, e contribuindo para o desemprego, uma vez que não prepara para o exercício de uma profissão, deixando muitos a margem da sociedade, por não terem escolaridade.

E as autoridades não sentem os prejuízos disso, os prejuízos como lembrou a Renata, os prejuízos são das crianças e jovens, os prejuízos são do país. Protestos, manifestações, greve, são alguns dos sintomas sérios do descaso que sofre a educação, incluindo aí a desvalorização dos professores...

[...] hoje o professor anda desestimulado, mal formado e a qualidade do ensino é medíocre. Pensar que é uma das mais nobres profissões que forma o futuro, mas isso não se traduz na formação do educador, nem na sua remuneração. No Ceará, por exemplo, um deputado estadual ganha mais que uma dúzia de professores de ensino médio. Que justiça há nessa desproporção? Como a educação tá medíocre o futuro do Brasil, já se sente isso no presente, pode ser também medíocre.

[...] as empresas que precisam de profissionais sentem isso, essa falta de ensino, os cursos superiores se deterioram, da Medicina ao Direito, não poderia ser diferente, porque a base é fraca. A educação que é a prioridade das prioridades, talvez seja temida pelos que estabelecem as prioridades porque educação, liberta. (GARCIA, 2010).

E essa é uma realidade presente nas nossas escolas. Às vezes a impressão que dá é que aprendemos pouco do que é ensinado, pois as práticas se repetem igual a dez, quinze anos atrás. O quadro e o giz (hoje trocado por caneta para quadro branco) ainda são as principais ferramentas de trabalho. Não que não devam ser utilizados, mas como menos frequência, pois, hoje, são inúmeras as disponibilidades de ferramentas didáticas mais atraentes para os educandos,

prendendo mais sua atenção e instigando o pensamento, a ação, a reflexão. Não se concebe mais as mesmices de sempre, é preciso inovar para envolver e despertar interesse, daí quem sabe o conhecimento não se torna prazeroso, eficiente e eficaz⁸.

Portanto, o ensino médio precisa avançar para garantir aos educandos as possibilidades de ingresso nos vestibulares, ENEM, concursos e assim adentrar no mercado de trabalho com conhecimento e responsabilidade, sem esquecer a dimensão da cidadania, da formação do cidadão, do sujeito crítico e criativo, do ser pensante e participante dos processos sócio-políticos desencadeados na contextura social. Para isso seria necessária uma universalização, que apesar nos avanços ocorridos nos últimos anos na oferta de vagas, não garantiu a permanência do educando em sala de aula, portanto falta qualidade (física, humana, didática) para se chegar ao mínimo desejado, ou seja, que todos os jovens de 15 e 17 anos consigam ingressar e concluir o ensino médio em tempo hábil, saindo da margem de defasagem em relação a idade. Segundo o documento norteador do Ensino Médio Inovador, além do problema da defasagem, “existem reais dificuldades de aprendizagem, além da inadequação de propostas pedagógicas em relação às realidades diferenciadas do contexto em que vivem os segmentos dessa faixa etária” (BRASIL, 2009, p. 06).

Segundo Engel

Em 2009, dos 10,3 milhões de jovens entre 15 e 17 anos, apenas 50,9% estavam no Ensino Médio. Ou seja, metade não está matriculada na etapa de educação básica que deveria frequentar. Ao abandonar a escola, esses jovens vêm sendo empurrados para a margem da sociedade, perpetuando o ciclo de pobreza. (ENGEL, 2010, p.14).

Isso é muito grave, e mostra que as iniciativas e os esforços para trazer e manter os jovens na escola estão sendo insuficientes, ou seja, as políticas públicas não estão revertendo esse quadro, o que leva a dedução de que as estratégias utilizadas estão erradas, não adianta equipar, reformar as escolas se não houver o incentivo ao humano, que está dia a dia envolvido nas problemáticas educacionais, sejam educadores, gestores, funcionários, educandos. Na verdade, a escola perdeu muito do “ser humano” e não sabe mais como encontrar esse caminho de volta,

⁸ “Eficiente e Eficaz” termos utilizados por Moretto (2008) no livro “Prova, um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas” quando se refere a avaliação da aprendizagem.

deixando-se esmagar pela política neoliberal que não se harmoniza ao que Freire (1997) considerava essencial: a utopia, o sonho.

Segundo Gadotti (2005, p. 13), “Paulo Freire defendia uma compreensão de educação cheia de perguntas e respostas, mas também cheia de esperança.” Portanto, será possível vencer as imposições, desumanas e desqualificadoras do neoliberalismo, que oprime, sufoca e faz-se acreditar que o valor do ser humano é o ter e não o ser, que esmagam a solidariedade e incentivam a competitividade desenfreada?

A educação é muito mais do que a instrução. Para ser transformadora – transformar as condições de opressão – ela deve enraizar-se na cultura dos povos. [...] Ora, a educação é um processo a longo prazo e precisa combater o imediatismo, o consumismo, se quiser contribuir para a construção de uma pós modernidade. A educação para ser libertadora precisa construir entre educadores e educandos uma verdadeira consciência histórica. E isso demanda tempo. (Gadotti, 2005, p. 14)

É preciso retomar o sentido da escola, para assim atrair os jovens, mesmo que atrasados em seus estudos, mas com seus sonhos e esperanças de progressão e sucesso na vida. Um caminho para um ensino médio aglutinador de jovens e com aprendizagem solidificada é a garantia de bom desempenho no Ensino Fundamental, pois os números comprovam o afunilamento dos educandos à medida que avançam nos anos escolares, sendo visível seu desaparecimento no ensino médio.

Cynthia Rodrigues, repórter do jornal eletrônico, iG São Paulo , em matéria publicada no mês de fevereiro de 2010, cujo tema foi “Ensino médio: a pior etapa da educação do Brasil” apresenta um gráfico (figura 22) que mostra o afunilamento do Ensino Médio e diz que “sobre o ensino médio não há opção: os dados de abandono são alarmantes e não há avanço na qualidade na última década”.

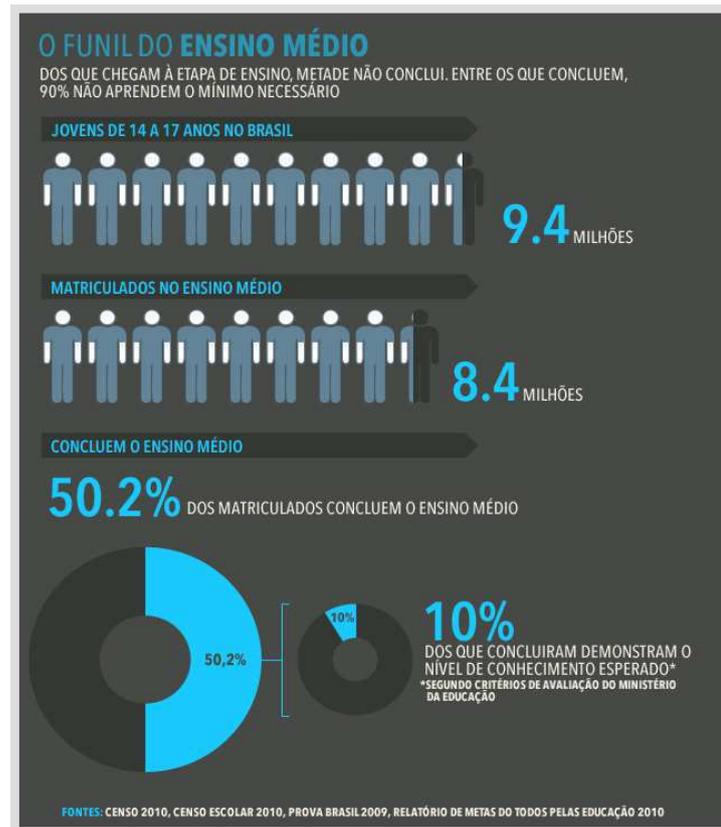


Figura 21 - O FUNIL DO ENSINO MÉDIO
 Fonte: <http://ultimosegundo.ig.com.br>

Segundo o Plano Estadual de Educação do Estado da Paraíba,

Em 2000, 83% da população paraibana na faixa etária de 15 a 17 anos estivessem na escola, apenas 15,3% estavam matriculados no Ensino Médio, evidenciando que uma significativa clientela potencial dessa etapa de ensino encontra-se em outros níveis, principalmente no Ensino Fundamental. (PARAÍBA, [200-], p.29).

No semiárido brasileiro os números de abandono e evasão escolar são altos, o que pode ser constatado observando a figura 23, mostrando que as políticas educacionais não tem sido eficientes nessa região, que de acordo com o relatório Situação da Infância e da Adolescência Brasileira 2009 – O Direito de Aprender, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef),

“o Semiárido é a região com maior dificuldade na formação educacional de crianças e jovens. Segundo o estudo, essa região concentra metade da população de analfabetos acima de 15 anos e apresenta altos percentuais de evasão escolar”. (NOGUEIRA, 2010, p.1)

Ensino Médio					
Região/Unidade da federação	Taxa de abandono média	Região/Unidade da federação	Abandono na área urbana	Região/Unidade da federação	Abandono na área rural
Sudeste	10,9	Sudeste	10,9	Sudeste	11,0
Sul	13,2	Sul	13,2	Sul	11,3
Centro-Oeste	17,6	Centro-Oeste	17,6	Centro-Oeste	16,0
Nordeste	20,1	Nordeste	20,1	Norte	18,3
Norte	20,8	Norte	20,9	Nordeste	18,6
Minas Gerais	14,4	Minas Gerais	14,4	Minas Gerais	10,4
Espírito Santo	16,5	Espírito Santo	16,6	Espírito Santo	10,8
Ceará	17,3	Ceará	17,6	Ceará	13,1
Maranhão	18,5	Maranhão	18,4	Bahia	16,2
Paraíba	19,3	Paraíba	19,2	Alagoas	16,7
Alagoas	20,3	Pernambuco	20,3	Piauí	18,2
Pernambuco	20,3	Alagoas	20,4	Sergipe	20,4
Sergipe	20,4	Sergipe	20,4	Maranhão	20,8
Bahia	20,9	Bahia	21,1	Pernambuco	20,8
Piauí	21,9	Piauí	22,0	Rio Grande do Norte	22,6
Rio Grande do Norte	23,6	Rio Grande do Norte	23,6	Paraíba	26,1

Figura 22 - TAXA DE ABANDONO NO ENSINO MÉDIO
 FONTE: http://www.unicef.org/brazil/pt/siab_capitulos.pdf

Ainda, segundo Nogueira:

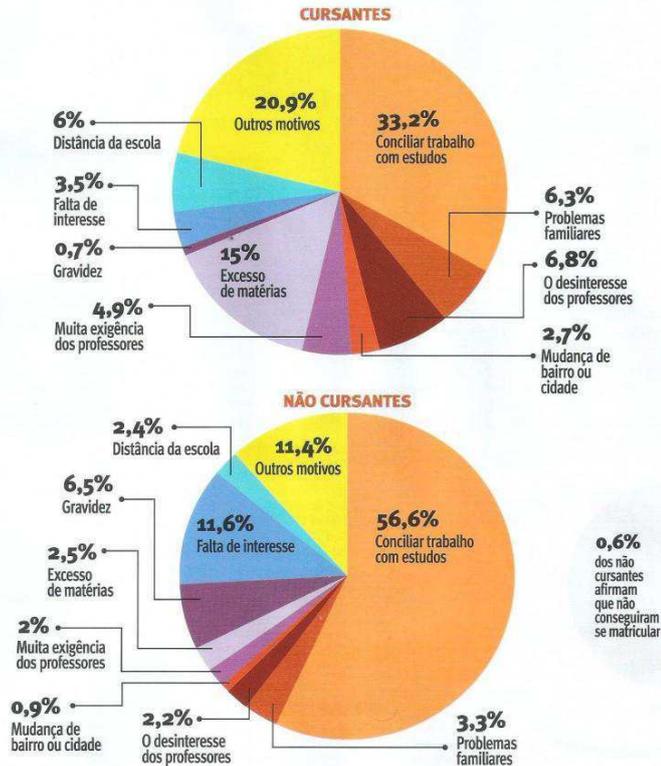
Um dos fatores que leva os alunos residentes da zona rural a abandonarem os estudos é a falta de interesse na escola, cujo currículo não leva em consideração a realidade dos educandos. Ao contrário, muitas unidades de ensino contribuem para a construção da imagem do Semiárido como um lugar de atraso e de falta de oportunidades. (NOGUEIRA, 2010, p.1).

Fato que demonstra a necessidade da articulação de conteúdos de ensino relativos a realidade dos educandos, não só na zona rural, mas principalmente, pois garantiria a permanência das pessoas em seu lugar de origem, mudando o discurso aprendido ao longo do tempo que para ter sucesso, é preciso sair do semiárido.

Constata-se que os jovens estão atrasando seu nível de escolaridade, por fatores diversos e que é no Ensino Médio que fica mais evidente esse problema. Uma pesquisa desenvolvida no Estado de Minas Gerais em 2010, sobre “Determinantes do Abandono do Ensino Médio pelos Jovens”, chegou a resultados relevantes que contribuem para o alto índice de evasão conforme figura 23:

AS PEDRAS NO CAMINHO DO ESTUDANTE

Qual a maior dificuldade que você encontra/encontrou para continuar estudando:



Especial Ensino Médio 7

Figura 23 - AS PEDRAS NO CAMINHO DOS ESTUDANTES

Fonte: Encarte junto à Revista Nova Escola, Ano XXVI, nº 240, Março 2011

É interessante perceber que os motivos ou causas da evasão são semelhantes independentes da região que se habita no país, e que o fator que mais pesa é conciliar trabalho com estudos, fato que se pode comprovar no dia a dia de escolas públicas, quando existe claramente a necessidade do trabalho, por questões de sobrevivência.

Portanto, o ensino médio e a evasão escolar caminham lado a lado no processo de escolarização dos jovens, fazendo-se necessário um olhar mais apurado, mais cauteloso dos que gerem essa fase do ensino. Segundo Soares (2010, p. 9) quando o educando vislumbra o estudo como melhores oportunidades de vida, aumenta em 50% as chances de sua permanência.

Então, garantir uma base educacional bem feita, com resultados positivos, em muitos casos, pode colaborar com a conclusão dos estudos na educação básica e sua continuidade no ensino superior.

Nesse caminho observa-se que existem possibilidades de mudança no Ensino Médio, tornando-o mais acessível, com garantias de permanência e a reversão dos números de evasão.

4.3. O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Durante muito tempo o semiárido brasileiro foi visto como um sub-lugar, com uma sub-cultura e com pessoas convivendo em condições sub-humanas. Ainda foi inculcido em nossas mentes, que todos esses fatores eram culpa da natureza, que não nos mandava chuva, agravando a seca e conseqüentemente toda vida do lugar.

O semiárido brasileiro é, certamente, uma sub região do país com muitíssimos problemas. Herança de suas próprias contradições. Nunca, por hipótese nenhuma se deve as condições climáticas. (COSTA, 2010)

De uns tempos para cá, esse cenário começa a modificar a partir de atitudes, ainda isoladas, de ONGs, que procuram apresentar viabilidades de vida em abundância e fartura nas terras quentes, de solos rasos e pouca água do semiárido. A questão é fazer a coisa certa, no momento certo, fugir dos paradigmas estabelecidos e mudar uma realidade imposta por um sistema cruel (o capitalismo) e políticos oportunistas.

O semiárido é rico! Os saberes aqui plantados e colhidos são imensos. Aqui não é só lugar de gente analfabeta (como normalmente aparece na mídia e apesar dos números de pesquisas), pelo contrário tem muita gente boa, inteligente, com grandes conhecimentos e que pensam em ajudar a mudar essa imagem negativa que criaram de nós. O semiárido não é lugar de gente pobre, raquítica, esquelética e de cabeça grande não, é claro que isso existe, mas não da maneira como foram repassadas e reforçadas ao longo do tempo.

Em meio a essas questões de clima, ambiente, água, a educação contextualizada surge como uma possibilidade de mudança de discurso, uma vez que “pretende fazer com que as pessoas conheçam o semiárido e busquem criar alternativas para se adaptarem às condições naturais dessa região” (LIMA, 2010).

Nesse caminho, muitos são os desafios para os educadores, principalmente quando se almeja uma educação contextualizada, pois é preciso mudar todas as concepções adquiridas ao longo do tempo (o que não é tão fácil). Entre os desafios destacam-se: contextualização do currículo, a formação do educador (inicial e continuada) e a adequação do material didático a realidade do semiárido.

4.3.1. A contextualização do currículo

É na elaboração de uma proposta curricular que a escola define que tipo de sociedade e cidadão quer formar, logo é necessário que contemple os conhecimentos gerais (aqueles universais, necessários a toda formação de ser humano), e os específicos, que deveriam ter como base a região ou localidade a qual a escola está inserida (no nosso caso o semiárido) levando os educandos a conhecerem seu lugar (vegetação, clima, solo, fauna, cultura, história, etc). Assim, educadores e educandos, teriam subsídios para construir aprendizagens significativas. Porém, Reis adverte:

A educação contextualizada e para convivência com o semiárido não pode ser entendida como um espaço de aprisionamento do saber, ou ainda na perspectiva de uma educação localista, mas como aquela que se constrói no cruzamento cultura-escola-sociedade. A contextualização neste sentido não pode ser entendida apenas como a inversão de uma lógica curricular construtora e produtora de novas excludências. (REIS, 2005).

Portanto, ressignificar um currículo necessita de cuidados para que não se repitam os mesmos erros e mais uma vez se torne (o currículo) manobra das classes dominantes para disseminação de ideologias, o que fugiria as concepções de educação contextualizada, pois ele quer educandos e educadores livres de amarras, verdadeiramente pensantes, questionadores e transformadores, que possam intervir e interferir em seus destinos.

Um currículo contextualizado abre-se para questões locais e regionais, para melhor compreensão do todo. Logo, se conhece-se o lugar aonde se vive, é mais fácil interferir e mudar a realidade (que tem sido excluída, negada, distorcida).

Essa é uma das grandes dificuldades da educação contextualizada, pois com um currículo desarticulado da realidade, fica praticamente impossível estudar conteúdos relativos à comunidade local e regional. Embora a LDB, lei 9394/96 em seu artigo 28, permita às adaptações curriculares aplicadas as “peculiaridades da

vida rural e da cada região” (BRASIL, 1996, p.12), poucas escolas trabalham assim, gerando abandono escolar e falta de interesse, por não incluírem, na essência de seus currículos, conteúdos da realidade dos educandos.

É preciso trabalhar com os educandos elementos relativos ao seu contexto e de seus familiares, dando vida, sentido e devolvendo (ou desenvolvendo) amor pelo seu lugar.

4.3.2. A formação do educador

A formação do educador tem sido um nó para a educação contextualizada, principalmente quando o educador tem mais de 10 anos de exercício de profissão e por ter todos os seus estudos com base numa tendência pedagógica tradicional, cujos procedimentos e conteúdos não têm relação nenhuma com o dia a dia do educando, ou melhor, tem relação sim, porém não são contextualizados, ficando sem vida e exposto ao fracasso escolar. Nessa tendência, o educador adota uma postura autoritária, é dono do saber e da verdade, anula as experiências e o conhecimento dos educandos.

Infelizmente essa prática é muito comum nos dias atuais, até mesmo por aqueles que estão deixando as universidades, tornando-se um desafio para esse educador mudar a sua prática.

Paulo Freire (2004, p. 37) reitera que o educador, assim como a escola tem,

O dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, discutir com os educandos a razão de ser de alguns saberes em relação ao ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2004, p. 37).

Já para Hernández e Sancho,

[...] hoje, mais do que nunca, os professores precisam rever o que constitui o fundamento de sua prática e criar novos meios de conhecer e de relacionar-se com o conhecimento e com os aprendizes. (HERNANDEZ; SANCHO, 2006, p.11).

Então, se aposta nas formações continuadas para modificar pensamentos, atitudes, comportamentos. No entanto, é necessário disponibilidade e compromisso

do educador para compreender o que esta sendo proposto e buscar ações educativas condizentes com a realidade atual.

Ainda, é fundamental que nos dias atuais, os cursos de formação inicial de educadores preconizem um ensino inovador, multi-inter-transdisciplinar, criativo e contextualizado, no sentido de cooperar, facilitar a prática pedagógica em sala de aula, ou seja, “passar o discurso pedagógico do papel para a prática” (CAVALCANTE, 2005, p. 44).

Alarcão (2007) faz uma afirmação interessante quando se refere à competência de ser professor que não deveria ser um ato isolado, puro e simplesmente por questões salariais/financeiras, mas que tivesse a essência do comprometimento de ensinar e aprender, num processo constante de troca, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensinar ao aprender” (FREIRE, 2004, p. 31).

A competência profissional dos professores não é estática. Muito pelo contrario, apresenta-se com um caráter extraordinariamente dinâmico, sobretudo se os professores souberem estar atentos aos desafios do cotidiano e fizerem dele um contexto de qualificação permanente. (ALARCÃO, 2007, P. 18)

A formação do educador, seja inicial ou continuada, é fundamental para uma educação contextualizada “eficaz e eficiente”⁹ (quando objetivos e processo utilizados para atingi-los, são alcançados). Segundo Vera Carneiro, representante da RESAB,

Precisa de uma formação específica, pois, muitas vezes, as universidades não preparam [*os professores*] para isso. Precisa ter uma formação continuada dos professores e precisa ter investimento de recursos públicos (CARNEIRO, 2005)

4.3.3. Material didático adequado a realidade do semiárido

Os livros utilizados nas escolas do semiárido fogem muito a realidade local e regional, apresentam mais questões relativas a outras regiões e enfatizam outras culturas, gerando, muitas vezes, o desinteresse do educando, e posteriormente seu abandono escolar, por abordarem conteúdos de maneira repetitiva, dando opções de respostas diretas e iguais, sem questionamento, não incentivando o raciocínio, o pensar, o refletir, a criatividade e muito menos estimulando as discussões, pois

⁹ Termo usado por Pedro Vasco Moretto (2008) quando se refere a avaliação no processo educativo.

através do diálogo coletivo, é possível os educandos verem de diferentes ângulos uma determinada situação, e até mudar de opinião, o que é estritamente necessário a construção de uma aprendizagem significativa.

Em entrevista ao Portal do MEC – Ministério da Educação, Josemar da Silva Martins, professor da Uneb (Universidade do Estado da Bahia) quando se refere a utilização dos livros nas escolas hoje, lamenta dizendo:

Em geral, os livros didáticos chegam prontos, inclusive quando falam sobre o semiárido. E quando falam da região, reproduzem um conjunto de estereótipos em relação à imagem do sertanejo. Ele sempre é reproduzido como uma pessoa magra, faminta, pedinte e arrasada. A imagem do nordestino em si carrega a marca desses estereótipos. Nos livros didáticos há uma recorrência enorme da reprodução dessa imagem. (SILVA, 2010).

Apesar dessa realidade, já se ensaiam tentativas de publicação de livros próprios para as escolas do semiárido, como a experiência da RESAB¹⁰, que reuniu autores, estudiosos e educadores e publicaram o livro “Conhecendo o semiárido” que “aborda a região a partir de suas peculiaridades e riquezas” (http://www.unicef.org/brazil/pt/kit_pautas.pdf). A RESAB, atualmente tenta junto Ministério da Educação incluir esse livro no Programa Nacional do Livro Didático-PNLDD, o que seria um grande ganho para os educandos e educadores do semiárido, pois teriam em mãos um livro que “valoriza a diversidade, a cultura, a história, as vivências e a força do povo, apresentando alternativas para a permanência das pessoas na região” (http://www.unicef.org/brazil/pt/kit_pautas.pdf).

Enfim, é importante que os materiais didáticos das escolas do semiárido sejam adequados a sua realidade, discutindo questões próprias do lugar para então partir para o universal, pois a partir da compreensão do local é possível atingir o nível regional e global. Nesse caminho, o educador é essencial, pois pode ser parte construtiva desse processo de criação, aquisição e uso em sala de aula.

Logo, a educação contextualizada irá contribuir para reverter verdades tidas (e ditas) como absolutas, levando ao entendimento de que é possível viver em meio às adversidades impostas pelo tempo, adequando as necessidades a realidade,

¹⁰ Rede de Educadores do Semiárido Brasileiro, cuja função é consolidar uma proposta político-pedagógica de educação para o SAB.

aprendendo um novo jeito de se relacionar com o ambiente, como outros países do planeta assim fizeram (Noruega, Austrália, Israel, etc).

A educação contextualizada que busca as peculiaridades, as especificidades, o único de um lugar, integrando-as ao currículo escolar, com novas concepções de ensino e aprendizagem, interagindo com o conhecimento escolar e a realidade vivida pelos educandos (e educadores).

No semiárido brasileiro, a educação contextualizada desponta como uma alternativa, se abrindo discussões e implantando cursos preparatórios, no intuito de qualificar os educadores, para modificar a realidade do lugar onde se vive.

4.4. A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

A LDB (1996) em seu artigo 35, III prevê “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Portanto, é preciso educar além dos conteúdos.

Nos últimos tempos o ensino médio, vem incrementando um novo olhar sobre sua prática, saindo da margem dos conteúdos (puro e simplesmente) para uma visão mais ampla e geral, que visa formar um cidadão completo, no aspecto pessoal e profissional, colaborando na sua preparação para a vida. Assim, os conteúdos ganham sentido, a partir do momento que passam a ser contextualizados com a realidade, para Berger Filho

Os conteúdos devem referir-se aos contextos significativos da produção, do ambiente físico e social e da pessoa. A saúde, a sexualidade, o lazer, o meio ambiente, o trabalho, a produção cultural, dentre outros, são contextos que se têm de articular com os conhecimentos escolares para que estes ganhem significação. (BERGER FLHO, 2001, p. 192).

Porém, é perceptível que essa mudança é lenta, principalmente quando se visita as escolas e encontra os educadores ministrando conteúdos que preparam os educandos para provas de vestibulares e ENEM, saindo do foco do ensino contextualizado e interdisciplinar, para a fragmentação.

Nesse viés, a educação contextualizada surge como uma grande aliada na melhoria do ensino e dos, ainda, altos números de evasão escolar, pois tem como proposta aproximar a educação à realidade dos educandos, levando-se em conta suas características peculiares, especificidades e diferenças para que, assim, busquem-se alternativas para a permanência das pessoas na região.

O coordenador do escritório do UNICEF para os estados da Bahia e Sergipe, Ruy Pavan, explica que a educação contextualizada possibilita levar conteúdos relacionados ao local onde os estudantes vivem para dentro das escolas e espaços alternativos de aprendizagem¹¹.

A educação contextualizada deveria ser incrementada como uma política pública, devendo ser aplicada a todas as regiões do país, atendendo as necessidades de cada localidade a partir de uma base comum e diversificada do currículo, como prevê a LDB em seu artigo 26 (1996),

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (BRASIL, 1996).

Então, implantar a educação contextualizada passaria primeiramente pela quebra de paradigmas, de preconceitos e conceitos estabelecidos anos afora. Para Edgard Morin paradigmas são

[...] princípios supralógicos de organização do pensamento [...] princípios ocultos que governam a nossa visão das coisas e do mundo sem que disso tenhamos consciência. (MORIN, 2002, p.15)

Ainda acrescenta que,

[...] é no fundo, o produto de todo um desenvolvimento cultural, histórico e civilizacional. O paradigma da complexidade surgirá do conjunto de novas concepções, de novas visões, de novas descobertas e de novas reflexões que vão conciliar-se e juntar-se (MORIN, 2002, p. 112)

É preciso fazer uma ponte entre o saber local e global, buscar referenciais que ajudem na concepção do processo educativo como um todo, contextualizado,

¹¹ Disponível em http://www.unicef.org/brazil/pt/kit_pautas.pdf. Acesso em 04/05/2011.

Lima (2010, p. 3) “entender que o local e o global se relacionam, se entrelaçam, se influenciam”, logo para um ensino ser contextualizado, precisa inicialmente ter essa noção, de que as coisas convergem, partem de um ponto para outro, mas em sintonia, e não em discordância. É óbvio que haverá pontos e contrapontos e, é isso que irá contribuir para a construção do conhecimento crítico e pertinente, mas partindo de algo concreto, não do nada, afinal todas as coisas têm motivo e explicação de ser, seja evolutivo, biológico, científico, cultural, social, psicológico etc.

Os educandos necessitam de uma aprendizagem que interaja com o conhecimento escolar e a realidade vivida, fazendo-os pensar e refletir sobre assuntos de interesse geral, e a educação contextualizada que busca as peculiaridades, as especificidades, o único de um lugar, integrando-as ao currículo escolar, com novas concepções de ensino e aprendizagem, é um caminho para esse aprendizado.

Nesse caminho, muitos são os desafios para os educadores, principalmente quando se almeja uma educação contextualizada, pois é preciso mudar as concepções adquiridas ao longo do tempo (o que não é tão fácil).

Para iniciar essa mudança um ponto de partida seria aglutinar as disciplinas tornando-as interdisciplinares em seus conteúdos. Existem conteúdos que permitem diversas pontes com diversas áreas, pois as disciplinas dialogam entre si naturalmente, por exemplo, é impossível ensinar Literatura sem os conhecimentos da História, da Arte, da Geografia, se assim for feito (não aliá-los), haverá a fragmentação, o ensino pela metade, perdendo todo significado e tornando um fardo para quem aprende (e muitas vezes para quem ensina).

Portanto, a contextualização do ensino implicaria num ensino e aprendizagem mais completo ficando mais próximo da realidade dos educandos e facilitando (o que a princípio parece mais complexo) o ensino. Assim percebe-se que a falta da contextualização ou a interdisciplinaridade entre as disciplinas, dificulta a preparação dos educandos. Segundo Morin (2002, p. 36) “O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido”.

Outro ponto que colaboraria bastante na inclusão da educação contextualizada como prática pedagógica viável para todas as regiões do Brasil e do

mundo, seria a participação efetiva dos educadores, atentos as novas demandas metodológicas e tecnológicas, pensando nos conteúdos que são ensinados e suas consequências positivas e negativas para a aprendizagem do educando, e principalmente envolvidos e gostando do que fazem. A educação contextualizada alia prática, teoria e reflexão voltada para as coisas de cada lugar (saber local), mas sem esquecer ou desprezar o saber global,

Para isso, seria necessário investimentos das políticas públicas focando nas áreas do conhecimento e mostrando as possibilidades de se contextualizar o ensino e aprendizagem dos educandos, como também uma iniciativa própria do educador, interessado em atualizar suas práticas a partir de investimentos em sua formação continuada. Afinal, o processo educativo parte muito da iniciativa do educador, pois se desejar ser inovador em suas práticas certamente criará mecanismos para isso, caso não, ficará fadado à mesmice de sempre, o que tem acontecido, colaborando com uma educação atual cheia de falhas e fracassos.

Portanto não somente nessa região, mas em todo o Brasil, a educação somente será um direito subjetivo efetivo, quando cada um de nós, no lugar onde nos encontramos puder contribuir com a nossa parte nessa caminhada em direção a transformação das pessoas para que elas possam mudar o atual estado das coisas. (REIS, 2005, p. 11)

No entanto, faz-se necessário ter cautela quando se fala em novas metodologias, pois isso costuma amedrontar, uma vez que, em geral, o que se desconhece causa rejeição inicial e medo. Uma conquista deve acontecer, apresentando a educação contextualizada como um campo de aquisição de saber que se preocupa com as pessoas e com seus modos de viver, que quer colaborar com a permanência dos povos nos seus lugares, com seus costumes e culturas de riquezas imensuráveis. A idéia é unir, juntar, aglutinar conhecimentos e experiências que conduzam a aprendizagens significativas. Novamente Reis (2005) alerta que

A Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido não pode ser entendida como o espaço do aprisionamento e do saber, ou, ainda, na perspectiva de uma educação localista, mas como aquela que constrói no cruzamento cultura-escola-sociedade-mundo. A contextualização, neste sentido, não pode ser entendida como a inversão de uma lógica curricular construtora e produtora de novas excludências. (REIS, 2005, p.13).

Zagury (2007) faz uma observação interessante que complementa as idéias acima, quando diz que

O problema não está na mudança nem no método que se propõe, e sim na falta de compromisso e na precipitação, na forma radical e rápida (que, portanto, deixam de ser propostas e passa a ser impostas) com que se fazem as mudanças educacionais e que as têm levado ao insucesso, a não aceitação, a impossibilidade de adoção e a rejeição a que em outras circunstâncias, poderia ter melhorado o ensino. (ZAGURY, 2007, p.58).

Assim, a contextualização pretende ser mais um mecanismo de soma, de mediação que não pode excluir, já que concebe um todo e não apenas partes, pois é a partir de uma concepção de educação inclusiva, que se percebe e respeita as diversidades e heterogeneidade de um povo. No entanto, não se pode afirmar que todos pensarão e agirão assim, pois isso também faz parte da democratização do saber, onde todos têm direito a pensar e agir conforme suas ideologias e utopias, desde que não prejudiquem ou invadam o espaço de ninguém. Trata-se de um ponto que Morin (2002) chama a atenção em seu livro “Os sete saberes necessário a educação do futuro”, quando fala da importância da democracia na expressão livre, responsável e solidaria de quem a pratica.

A democracia supõe e nutre a diversidade dos interesses, assim como a diversidade de idéias. O respeito à diversidade significa que a democracia não pode ser identificada com a ditadura da maioria sobre as minorias; deve comportar o direito das minorias e dos contestadores à existência e à expressão, e deve permitir a expressão de idéias heréticas e desviantes...

A democracia necessita ao mesmo tempo de conflito de idéias e de opiniões, que lhe conferem sua vitalidade e produtividade...

Desse modo, exigindo ao mesmo tempo consenso, diversidade e conflituosidade, a democracia é um sistema complexo de organização e de civilização políticas que nutre e se nutre da autonomia de espírito dos indivíduos, de sua liberdade de opinião e de expressão, do seu civismo que nutre e se nutre do ideal Liberdade/ Igualdade/ Fraternidade. (MORIN, 2002, p.108)

Portanto, num momento em que se discute educação de qualidade com mais veemência, que se buscam os motivos para a falta de interesse e desestímulos nas escolas (de educandos e educadores), um caminho surge como possibilidade: a contextualização do ensino, que busca integrar os conteúdos dos livros didáticos ao cotidiano de vida das pessoas, se aproximando o máximo possível da realidade, para assim dar vida e sentido ao ensino e a aprendizagem.

Nesse sentido, a escola é o espaço que deve adequar, fomentar essa necessidade de inovação, de criatividade, de contextualização, procurando envolver

alunos e professores nesse processo de construção de aprendizagens, diferente, que surgem das perguntas que parecem não ter respostas, mas que motivam as buscas, que poderão seguir caminhos certos ou incertos, porém chegando a algum lugar (as respostas).

5. EVASÃO ESCOLAR: UM PROBLEMA NÃO RESOLVIDO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ

A evasão escolar é um problema que persiste na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz e que precisa ser enfrentado. Conforme entrevistas realizadas com educandos/as e educadores/as, chegou-se a algumas conclusões, as quais serão analisadas e discutidas, fazendo uma ponte com a teoria, principalmente com Paulo Freire que expressa a importância do ato educativo, trazendo o educador e o educando como ensinante e aprendiz, num ir e vir constante, que gera grandes conhecimentos. Ele enfatiza a criticidade, mostrando o quão é importante ser conhecedor daquilo que se pratica, entendendo as entrelinhas do processo educativo e se colocando, não como dono do saber, mas como aprendiz.

5.1. A ESCOLA E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS

Formar um cidadão não é tarefa fácil. É necessária uma união de forças, entre escola, família e sociedade (agentes importantes na formação do cidadão) para que se obtenha êxito. Porém, nesse momento atual, a escola encontra-se sozinha, pois nos últimos anos essa tarefa lhe ficou entregue, quase exclusivamente.

Percebe-se na rotina diária da escola, a emergência de buscar alternativas que colaborem para a melhoria do ensino, principalmente no resgate dos valores do ser pessoa, único, dotado de peculiaridades. Os educandos pedem socorro, querem ser vistos, valorizados, amados, pois segundo Werneck (1995, p. 13) "A formação para a cidadania é o ponto mais importante e supõe, evidentemente, uma formação pessoal."

Enfim, enquanto escola, não é permitido negar aos educandos seus direitos de formação de cidadãos plenos, conscientes. Então desenvolver a solidariedade, a tolerância, a segurança, a capacidade de canalizar tensões, a coletividade etc, é formar pessoas capazes de lidar com/ e enfrentar a vida.

As entrevistas realizadas com educandos/as e educadores/as procuraram saber os conceitos e impressões a cerca da educação, para compreender nas entrelinhas dos discursos seu real valor.

Nas duas entrevistas realizadas, com educadores e educandos, se abordou sobre o significado da escola, sendo que todos a consideram importante para o desenvolvimento e crescimento da pessoa, até pela própria sobrevivência, conforme cita a Professora 1 e o Aluno 5

(Professora 1):

Eu acho que pra mim e pra todo mundo a escola é fundamental, né? Até para nossa sobrevivência, é como se diz, fator de crescimento fator de sobrevivência, de perspectiva, de tudo que a gente necessita, a gente precisa, parte daí, parte da escola, então é fundamental.

(Aluno 5):

Rapaz! Precisão, todos nós precisamos do ensino, acho que o principal é isso mesmo, necessidade que nós temos de termos um ensino.

Alves (2001, p.1) falava sobre uma escola que deveria ser espaço de libertação e não aprisionamento, fazendo brotar a criatividade, o entendimento, pois junto com a escola os educandos têm que alçar vôos, antes nunca imaginados. A escola deveria sempre empurrar para frente, apontando caminhos exitosos, nunca colaborar com a descrença, a baixa estima, a insubmissão. Escola deve ser vida, antes de tudo, e como vida, deve promover a vida, jamais a morte, como tem acontecido pela falta de estrutura, o despreparo, a omissão.

Outra questão, voltada mais para o educando quis saber sobre seu rendimento na escola, se em algum momento de sua trajetória escolar havia sido reprovado/a e por quais motivos. O que chamou a atenção foi o fato de atribuírem a si mesmos os motivos de seus fracassos. Eles disseram:

(Aluno 6):

Sim, na 8ª série. Coisa muito comum e errada né? Se juntar com colegas, só brincadeiras, esquecendo os estudos, botando as brincadeiras em primeiro lugar, chegar ao final do ano que vai olhar não tem mais como voltar atrás, ai acabei sendo reprovado. (Aluno 5)

Fui reprovado por falta de interesse meu mesmo, por que era na fase, eu tinha o quê 12 anos, eu não tinha nem razão para ser

reprovado, e naquela época tinha eu, mais uns dois que eram considerados os melhores da turma, sempre nota boa, e prestava atenção em aula e tudo.

Quando se abordou a questão escola, foi notável o bem querer que os educandos têm por ela, sempre deixando claro que os problemas são outros colegas, que segundo eles “não querem nada”, alguns professores que não levam trabalho a sério, mas que no geral a escola é muito boa. Os Alunos 1, 2 e 6 fazem comentários que ajudam a explicar:

(Aluno 1):

Aqui é normal. Não falta muita coisa pra ela ser melhor, eu acho que só precisa mais que alguns professores se, se é, eu não sei falar, se interessasse mais para fazer com que a gente realmente aprenda, não esta lá só pra gente passar e pronto.

(Aluno 2):

Tem alguns professores que deixam a desejar e... Acho que é só isso mesmo, o resto é normal. É que eles são um pouco sem coragem (risos), é que não é como uma escola particular, mas os professores de escola particular que eu conheço são inteligentes, o ensino deles é bem mais avançado, bem mais mesmo, o que eles aprenderam no 1º bimestre a gente ta aprendendo agora no 3º, eu acho que alguns professores faltam, não gostam muito de dá aula.

(Aluno 6):

Eu gosto! Eu gosto da escola, muito. Eu gosto de ir pra escola, eu gosto de estudar, só que tem alunos que, colegas meus, na minha sala mesmo que não querem nada, vão ali só por tá mesmo.

Nesse aspecto Paulo Freire, coloca que é importante a percepção que o educando tem do educador, é que essa percepção pode influenciar no modo de trabalho, devendo o educador se manter atento:

Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso, ou de uma retirada de sala. O tom menos cortes com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito” e “re-escrito” neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” desse espaço, tanto mais possibilidade de aprendizagem democrática se abre na escola. (FREIRE, 2004, p.98-99, Grifo do autor)

Aos educadores questionou-se sobre suas práticas pedagógicas, fazendo uma avaliação de si mesmo, dos colegas e dos educandos. Foi interessante perceber que sabem que falta algo, que nem sempre o trabalho acontece como deveria, que a escola oferece recursos e estrutura para que as coisas aconteçam e mesmo assim deixam a desejar. Alguns chamam a atenção para as novas

tecnologias, demonstrando que estão atentos, porém ainda precisam se apropriar desse recurso, para renovar suas práticas de ensino. Conforme afirmam:

(Professora 1):

Eu acho que ainda deixa a desejar nosso trabalho, em relação a tudo isso que foi falado aí, em relação a aluno, a nossa prática pedagógica, as tecnologias, é... a gente precisa ainda melhorar muito, as tecnologias estão aí a nossa disposição e a gente ainda não chegou diretamente ate elas, ate,ate, é, como se diz, que o aluno já ta necessitando, já ta cobrando nessa diversificação de tecnologia, de nossas mudanças de práticas, mas eu não sei se é o medo que ainda assusta, muita coisa nova, manuseio, mas a gente já precisa pensar nisso de ouvir os alunos, a cobrança dos alunos e mudar nossas práticas, e tem muita coisa para a gente fazer, e a escola está oferecendo e a gente precisa, não sei, e a gente precisa de reciclagem, de formação, de aprender mexer com essas novas técnicas, né, incentivo pra a gente começar a mudar nossa prática pedagógica, eu acho que esta muito a desejar.

(Professor 2):

Olha eu vou falar a verdade, tem muita coisa faltando viu, com relação ao professor porque são vários fatores, incentivo que ta faltando, a parte financeira, é, é, aquela mesma coisa da pessoa ter a tecnologia e não sabe usar, então alguns desse desafios aí, eu acredito.

Edgard Morin acrescenta que,

Cada docente pode encontrar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e procedimentos metodológicos. Mas também é importante que amplie que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/telemática. (MORIN, 2000, p.1).

Um fato interessante é a questão do isolamento, existe a percepção do trabalho individual, do ensino fragmentado, da falta de integração, coisas que atrapalham o ensino e a aprendizagem dos educandos.

(Professor 2):

O trabalho deveria ser um pouco mais, vamos dizer assim, de forma grupal, com mais reuniões com os professores, que falta, mas integração, principalmente, assim, com relação às disciplinas mesmos, por área, eu acho que deveria haver um maior encontro, uma maior integração pra que os projetos, o ensino e aprendizagem acontecesse de forma mais significativa.

(Professor 5):

Considero um bom trabalho, os colegas apresentam um bom trabalho, e... É tipo, a metodologia do trabalho ainda parte muito individual, cada um realiza a sua e não há uma integração dessas metodologias, ou

seja, é, é, é como se uma disciplina não tivesse relação com a outra, é um pouco do que percebo em relação à metodologia, é isso.

Observa-se que a professora 4 prima muito pelos resultados, percebe que o educando pouco está aprendendo e vê as provas como um fator relevante no ensino. Entende-se que para ela prova é sinônimo de aprendizagem, que através dela é possível medir o quanto o educando sabe, uma visão tradicionalista do ensino, que pouco contribui para sua melhoria.

(Professora 4):

Bom, alguns professores, uns poucos se dedicam e tem um bom trabalho, outros vão deixando a desejar, vão empurrando com a barriga, eu acho que **falta fazer mais provas**, observar mais os alunos, olhar mais pra eles, olhar com outros olhos, muitas vezes a gente percebe que eles estão passando assim de ano, mas não estão aprendendo, e muita gente sabe disso e deixa passar entendeu?(grifo nosso)

Moretto, confirma que esse tipo de visão sobre o ato de aprender e avaliar, é classificada de tradicional,

Por ainda ser, a nosso ver, a que domina o processo de ensino nos dias de hoje, a avaliação da aprendizagem é encarada como um processo de *'toma-lá-dá-cá'*, em que o aluno deve devolver ao professor o que ele recebeu e de preferência exatamente como recebeu. (MORETTO, 2008, p. 86, grifo do autor)

Na visão de Freire (2005, p. 67), essa educação é chamada de “educação bancária”, na qual, “o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (grifo do autor). Para ele não existe superação nesse tipo de educação, pelo contrário, ela mantém e estimula a contradição, pois a “educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos”.

Na sequência avaliaram as dificuldades mais comuns apresentadas pelos educandos e citaram: a indiferença, a falta de interesse do educando, falta de incentivo da família, a dificuldade de expressão, a falta de leitura e escrita, a aprendizagem dos conteúdos nos respectivos anos, nesse aspecto destaca-se a fala da

(Professora 2):

Principalmente, eles levam,é vamos dizer assim, dificuldades de matérias que eles viram no ano passado, conteúdos que não viram, na minha concepção que às vezes entra em contato com assunto novo mais parece que nunca tinha visto em anos anteriores esses assuntos, é eu acho que isso interfere um pouquinho, o aluno carrega, é como uma bola de neve, deixa de ver um assuntos aí sente dificuldade nos anos posteriores, na minha concepção isso conta.

A Professora 1 faz um pedido de socorro, mostrando, toda fragilidade do educador que quer mudar, mas não sabe como. Ela faz observações importantes, que chama para o educador também a responsabilidade pelas dificuldades dos educandos, ela diz que:

(Professora 1):

É essa indiferença, a indiferença que eles têm com a sala de aula, com o professor, eu não sei se eles, é, são assim em casa também ou se são só com a gente, e a gente tem uma grande culpa né, por não saber trabalhar, é muito aluno, é muita turma, é muito cansaço e a gente também passa essa indiferença para eles, de certa forma a gente também passa, a gente não conhece as historias desses meninos, desses nossos alunos, eles chegam cada dia mais rebeldes, cada dia mais desinteressados, e é uma bola de neve, sai do fundamental entra no médio, com o mesmo problema, nem são ajudados por nós, eu digo a escola, e a família é muito distante, então a gente tem sérios problemas com esses alunado, e talvez essa seja uma das causas da evasão, essa indiferença, essa distância, todo dia a gente ta em sala de aula, mas existe uma grande distancia entre o professor e o aluno, né, e isso talvez seja uma das causas da evasão porque se ele não é reconhecido em casa como filho, não é reconhecido na escola como aluno, como uma coisa só para preencher dados, preencher fichas, preencher formulários, eu acho que é isso que eles se sentem, que, que sentem, somente para ocupar uma cadeira e a gente não sabe como trabalhar, eu acho que a gente precisa de ajuda para ajudar esses meninos, esses alunos.

A partir dessa fala da Professora 1, se abre um leque de questões que precisam ser melhor analisadas, pois retrata a realidade de muitos educadores, que em meio seus ensinamentos enfrentam grandes conflitos, por perceberem as lacunas que existem nas suas práticas, as necessidades dos educandos e se sentirem “inúteis”, por não saberem o quê, nem como fazer para reverter o quadro.

(Professora 1):

É essa indiferença, a indiferença que eles têm com a sala de aula, com o professor, eu não sei se eles, é [...] São assim em casa também ou se são só com a gente [...]

Como se percebe, falta um estudo, uma reflexão mais atenta, por parte dos educadores, quanto ao que está se passando, pois indica um desconhecimento do educando, de sua história, das questões que estão lhe afetando. Nesse sentido,

Não importa com que faixa etária trabalho o educador ou a educadora. O nosso trabalho é realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando crescendo, reorientando-se, melhorando, mas porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de

recuar, de transgredir. Não sendo superior nem inferior a outra prática profissional, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que minha própria capacitação científica faz parte. É que lido com gente. (FREIRE, 2004, p.140-141).

Continuando sua fala, expressa “E a gente tem uma grande culpa né? por não saber trabalhar”.

A culpa aqui é direcionada ao corpo docente, quando na verdade o problema é mais complexo, envolve outras instâncias, como a insuficiência das políticas educacionais, que não disponibiliza recursos adequados (humanos e materiais) às demandas apresentadas no campo educacional, porém é de grande valia perceber-se como responsável e não aceitar como natural ou normal todas essas dificuldades. Para Freire (2004, p. 139) “ensinar exige querer bem aos educandos” e a sensibilidade de entender que,

Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me a reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa á problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. (FREIRE, 2004, 141).

A Professora 1 acrescenta: “... É muito aluno, é muita turma, é muito cansaço...”.

Sabe-se que a quantidade exagerada de educandos interfere negativamente no processo educativo, uma vez que priva de maior atenção, dedicação, dificultando a mediação necessária no processo de ensino e aprendizagem. Porém, a quantidade de educando influencia, mas não é determinante para o sucesso ou fracasso do ensino e da aprendizagem, conforme Piletti (1988) é preciso compreender o processo de ensino e aprendizagem para que

[...] saiba quais os fatores que facilitam ou prejudicam a aprendizagem, como o aluno pode aprender de maneira mais eficiente, além de outros aspectos ligados à situação de aprendizagem, envolvendo o aluno, o professor e a sala de aula. E a gente também passa essa indiferença para eles, de certa forma a gente também passa [...]. (PILETTI, 1998, p.20).

O contexto educacional, precarizado como está, tem fomentado uma lógica quantitativista que não permite uma integração mais aprofundada dos segmentos que o compõe, fazendo com que estes se relacionem de maneira superficial, a partir do mínimo possível, logo alguns educadores, tem mais de um vínculo profissional (é

o caso da professora em questão), o que acaba gerando uma indiferença por não tem disponibilidade para se envolver mais profundamente, estabelecendo relações passageiras e frágeis. Na verdade, falta identidade do educador com o que faz, alguns se encontram na escola apenas para ganhar o salário; em outros, falta uma formação adequada; outros não encontraram a oportunidade que queriam, gerando conflitos, pois a indiferença é natural daqueles que não se encontraram naquilo que fazem e/ ou queriam. A professora 1, continua “... a gente não conhece as histórias desses meninos, desses nossos alunos...”

Normalmente, nos relatos em reuniões, planejamentos, os educadores deixam transparecer suas indisponibilidades para lidar com questões mais pessoais dos educandos, negligenciando ações e atitudes que dizem muito. Alegam que não há espaço para ser pai, mãe, psicólogo e acabam por não estabelecer relações mais próximas com seus educandos. Porém, é fato que essa é uma questão que prejudica, que atrapalha, pois muitas vezes, o educando gostaria mais de ser ouvido e visto. Então é preciso valorizar as experiências de vida que eles trazem, pois elas ajudaram na formação do ser pessoa. Para Wallon (1982):

O estudo da criança exigiria o estudo do/ou dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a esta e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo. (WALLON, 1982, p. 189).

A professora continua, “... Eles chegam cada dia mais rebeldes, cada dia mais desinteressados, e é uma bola de neve, sai do fundamental entra no médio, com o mesmo problema...”

Mediante o crescente problema da rebeldia (fenômeno de todo sistema educacional), a escola tem procurado combater, fazendo parcerias com os pais, que normalmente são convidados a comparecerem à escola, com o Conselho Tutelar, nos casos mais graves e dando assistência psicológica, embora precário. Porém, combater a rebeldia, geradora de violência (verbal e corporal) sem um contexto com a realidade dos educandos, é perda de tempo, pois é preciso intervir no meio em que vivem, e a escola ainda não consegue fazer essa ponte. Tiba (2002, p. 260) afirma que “A melhor prevenção é dar formação ao filho (educando) para que tenha a força de enfrentar as mais diversas situações ao longo de sua vida”.

Acrescenta a sua fala, “... nem são ajudados por nós, eu digo a escola, e a família é muito distante, então a gente tem sérios problemas com esses alunado, e talvez essa seja uma das causas da evasão...”

Subentende-se que existe um despreparo dos educadores para lidar com questões afetivas dos educandos, no sentido de compreender as mudanças e nuances que passam nessa faixa etária, na qual existem muitas dúvidas, incertezas, medos. Então se mantém uma distância, pois não haverá mais problemas, assim o professor trabalha sua disciplina, isolada das necessidades do educando, que não procura observar sua realidade e principalmente, trata-o com frieza e distância, empurrando-o para um possível fracasso escolar. Para Freire (2004) não é possível separar o querer bem aos educandos e a prática educativa, ele afirma que:

[...] Jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e emoções, os desejos e sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. (FREIRE, 2004, p. 142).

E ela conclui a questão dizendo:

[...] essa indiferença, essa distância, todo dia a gente ta em sala de aula, mas existe uma grande distancia entre o professor e o aluno, né? E isso talvez seja uma das causas da evasão porque se ele não é reconhecido em casa como filho, não é reconhecido na escola como aluno, como uma coisa só para preencher dados, preencher fichas, preencher formulários, eu acho que é isso que eles se sentem, que, que sentem, somente para ocupar uma cadeira. E a gente não sabe como trabalhar, eu acho que a gente precisa de ajuda para ajudar esses meninos, esses alunos.

Os educandos, em geral, chegam ao Ensino Médio com uma expectativa positiva, por estarem num grau maior, por se encontrarem com novas pessoas, por acreditarem que vai ser bom para o seu futuro está ali. Eles querem ser tratados como pessoas, querem ser considerados como gente (que ama, que sente prazer, que sofre, que se alegra), querem ser felizes, querem estar num espaço de acolhimento, onde as pessoas se valorizam, se importam umas com as outras, ou seja, não querem ser apenas mais um para contar nas estatísticas do governo. No entanto, a escola negligencia isso, porque não está preparada, e impõe uma realidade diferente daquela que esperam ou querem. O educando (assim como o jovem) hoje, precisa de limites, que lhes permitam discernir até onde é possível ir ou

chegar, porém não encontram obstáculos para impor suas vontades, nem em casa nem na escola, e acabam por desafiar ambos. Na escola, eles acabam por evadir, depois de vários apelos silenciosos, demonstrados através de indisciplinas (desrespeitos, verbais e corporais) e em casa, quando geralmente não têm a atenção que desejam, e, assim, enveredam-se pelos caminhos ilícitos (drogas, furtos, agressões) ou então, sexuais, no sentido de que engravidam antes da hora, se prostituem, trocam de parceiros constantemente. Isso não quer dizer que sexo seja ruim, ilegal ou imoral, mas que deve ser responsável e seguro, para assim garantir a vida.

Na realidade, os educadores (e as famílias) pedem socorro, por não saberem lidar com essas questões, tão comuns nos dias atuais. Mas quem poderá atender a essa solicitação? Quais as políticas que têm se direcionado a responder, de fato, a esta solicitação? Um caminho possível seria a articulação entre saberes, envolvendo a academia, a escola e a família, por exemplo, ampliando e fortalecendo as relações, a partir de debates, discussões, ações concretas que interviessem no mundo dos jovens, tão sozinhos, quanto os educadores (nas escolas e nas famílias).

Observa-se ainda que existe a necessidade do educadores buscarem cursos de aperfeiçoamento, que tratem também de questões afetivas, emocionais e não somente didático-pedagógicas, que são fundamentais, mas que tem mais força se aliadas ao conhecimento do ser pessoa, o que envolve outras dimensões (de ordem biológica, psicológica, social). Seria necessário contextualizar o ensino, fazer uma ponte entre o abstrato e o concreto, apreender a realidade e atribuir significados às coisas estudadas e ensinadas na escola.

5.2. A EVASÃO ESCOLAR COMO UM PROBLEMA A SER ENFRENTADO

A evasão escolar configura como um sério problema na educação brasileira, uma vez que as políticas de combate não tem se mostrado eficazes, havendo pouca redução nos índices, que segundo o IBGE (2010) “O Brasil tem a maior taxa de abandono escolar no ensino médio dentre Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai e Venezuela: 10%. Ou seja, 1 em cada 10 jovens acabam abandonando”.

Seguindo o roteiro, os educadores foram indagados a respeito das limitações/dificuldades que a escola apresenta, que pode produzir ou agravar o fenômeno da evasão escolar e se observa que atribuem aos educandos uma parcela de culpa, à família que é considerada ausente e até as suas próprias limitações, demonstrando que não são, de todo, alheios aos problemas, nem se esquivam de possíveis culpas:

(Professor 2):

É que nem eu te falei ta faltando incentivo da parte dos alunos, alguma, alguma coisa assim que prenda eles na escola, alguns jogos ou alguma coisa assim mais voltada para a educação, eu acho que é o principal que ta faltando.

(Professor 3):

É no sentido de conversar mais com os pais, de trazer mais a família pra escola, aproximar, da um jeito dos dois andarem juntos, porque, senão ao vejo uma solução mais adequada.

(Professor 4):

Tem vários motivos, às vezes o próprio estímulo dos alunos e na escola falta planejamento, falta de planejamento, de a escola procurar fazer algo diferenciado, se eu não tenho algo que estimule esses alunos tem algo errado ou algo precisa ser mudar, na metodologia dos professores, uma coisa que precisa mudar também é com relação a outros recursos da escola, algum projeto, algo que integre esses alunos.

(Professor 5):

A evasão na escola, eu acho que ela parte mais do interesse do aluno, da escola em si, é aquele aluno que tem dificuldade de, de aprender, ele não se esforça muito para aprender, ele acha melhor evadir de que segui em frente e pegar aquela dificuldade e enfrentar, ele tem medo de enfrentar a dificuldade e termina indo embora, quer dizer ele acha um bloqueio em matemática ou português, sente essa dificuldade em vez dele passa a responsabilidade e dizer eu vou aprender e vou passar não, ele evade da sala de aula e não volta mais.

Ao serem abordados sobre os números de evasão na escola, todos afirmam não ter conhecimento, porém sabem que é um número considerável. Ao apresentar os dados dos três últimos anos (2008, 2009, 2010) referente ao Ensino Médio, parece não acreditar que seja tão significativo, e comentam:

(Professora 1)

São dados altíssimos né? Para uma escola de ensino médio, ter essa evasão, é grandiosa.

(Professora 4):

Hum... Eu acho que é uma coisa muito, uma coisa muito ruim, não sei ao certo o que fazer para ajudar [...]

(Professor 5):

Muito agravante, porque a gente percebe que cada ano tem um número maior de alunos evadidos, isso é preocupante.

(Professor 6):

Quer dizer em 2010 aumento para 10,92%, quer dizer foi muito alto, teve uma queda aí e ... Agora o que leva esses alunos a fazer isso? Eu acho que fica essa pergunta, né? (Professor 6)

Por um momento parece surgir uma angústia por enxergar o problema, mas não saber como solucioná-lo. Ao serem indagados sobre as causas que provocaram a evasão dos educandos neste período 2008, 2009 e 2010, apontam alguns aspectos.

(Professora 1)

A escola não é atrativa, por mais tecnologia que tenha, não atrai esses alunos, então eles preferem voltar para casa assistir televisão, ir para uma lan house, ir para a rua, porque aqui não atrai, eles passam o 6º horário não vêm à hora de terminar pra ir embora, se eles estivessem num ambiente atrativo, que gostassem, eles não estavam nem ai, então é alguma coisa que não atrai eles, que não satisfaz não é o desejo deles estar aqui nessa escola, repetitiva, né, repetitiva, muito comum, coisas que eles vêm, mesmo com as tecnologias.

A Professora 2 diz:

Na minha concepção é falta não sei se de interesse, se é falta de participação dos pais, mas hoje a gente sente isso, a estrutura dos alunos, às vezes por falta de interesse mesmo, de ele não querer vir a escola, por talvez não ter incentivo em casa, o pai ou a mãe, não incentiva o aluno, porque quando se faz pergunta na sala de aula, a gente sente por esse lado falta de incentivo mesmo.

Como já dito anteriormente, os educandos estão sozinhos, não sabem para que rumo ir, e quem deveria contribuir nesse contexto (escola e família) encontram-se em crise de identidade. Como se vê, uns culpam os outros, a escola culpa a família por ser ausente e vice e versa. E novamente questiona-se, interesse é inerente ao ser humano, mas como tê-lo se quem está por perto não tem? Se os modelos que se tem estão desgastados, apáticos, indiferentes? E assim, se percebe que o problema é muito mais sério, que ultrapassa os muros da escola e entra no meio social, no intrapsicológicos das pessoas. Como se vê, a rua é mais interessante, não sufoca (pelo menos é o que eles pesam) conforme diz a

(Aluna 4):

No colégio a gente se sente quase preso lá, preso, porque na agrícola você saía, tinha os professores que lhe ensinava a mexer

com a terra, tudo aquilo, tinha aula prática, já no colégio não, era você só naquela sala, era presa lá dentro, não podia nem sair.

Nesse aspecto, citado pela educanda, a escola deixar de ser asa e vira gaiola, conforme Alves (2001) escreve. Ela passa a aprisionar, deixando de exercer seu papel de libertadora que Paulo Freire tanto buscou. Ele afirma que a ação libertadora, deve reconhecer a “dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência”. (FREIRE, 2005, p. 60)

Sobre as possíveis causas que provocaram a evasão dos educandos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio professor José Gonçalves de Queiroz no período 2008, 2009 e 2010, a pesquisa aponta alguns itens que dialogam diretamente com os apontados pelo Promotor de Justiça de São Paulo, Luiz Antonio Miguel Ferreira, quando diz que: a escola não é atrativa, é autoritária, os professores são despreparados, insuficiente, e com ausência de motivação etc; já o aluno é desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde, gravidez etc; os pais/responsáveis : não cumprem o pátrio poder, são desinteressados com relação ao destino dos filhos etc; e por fim o social, pois os trabalhos são incompatíveis com os horário para os estudos, existe uma crescente agressão entre os alunos, etc. Cabe, outra vez, fala dos/as professores/as 1 e 2:

(Professora 1):

A escola não é atrativa, por mais tecnologia que tenha, não atrai esses alunos, então eles preferem voltar para casa assistir televisão, ir para uma lan house, ir para a rua, porque aqui não atrai, eles passam o 6º horário não vêm a hora de terminar pra ir embora, se eles estivessem num ambiente atrativo, que gostassem, eles não estavam nem ai, então é alguma coisa que não atrai eles, que não satisfaz não é o desejo deles estar aqui nessa escola, repetitiva, né? Repetitiva, muito comum, coisas eu eles vêm, mesmo com as tecnologias.

(Professora 2):

Na minha concepção é falta, não sei se de interesse, se é falta de participação dos pais, mas hoje a gente sente isso, a estrutura dos alunos, as vezes por falta de interesse mesmo, de ele não querer vir a escola, por talvez não tem incentivo em casa, o pai ou a mãe, não incentiva o aluno, porque quando se faz pergunta na sala de aula, a gente sente por esse lado falta de incentivo mesmo. (Professor 2)

Os educando atribuem ao social, à família e a si mesmos os motivos de se evadirem da escola, se percebem como responsáveis, mas justificam através da necessidade de trabalho, da gravidez precoce.

(Aluno 2):

No caso agora é porque surgiu a oportunidade de trabalho melhor, não é que é melhor, porque abandonar os estudos é ruim. Por mim eu não abandonaria não, mas surgiu essa oportunidade. Mas acho que eles sentem muita dificuldade em aprender, eu não tenho a mínima idéia, mas acho que é a dificuldade de aprender, coragem.

(Aluno 3):

Necessidade de trabalho falta de estudo, não quer nada na vida, não quer crescer, porque hoje em dia tudo depende do estudo, sem estudo pra mim eu acho que não é nada.

(Aluno 5):

Eu acredito que a escola tem também sua parte de culpa, né? Mas eu acho que a culpa maior mesmo é dos alunos ou então dos pais dos alunos, que não incentivam. Os professores estão ali, agora o interesse dos alunos, de ficarem estudando, é do aluno, mas também precisa dos pais, deles incentivarem os filhos, deles a continuarem na escola.

(Aluno 6):

Eu acho que é devido a eles mesmos. Sei lá, falta de apoio em casa, que tem muitos que deixa de estudar porque os pais naquele tempo passado não estudaram ai muitos deixam de estudar devido a isso, porque os pais não fizeram “ah eu não vou fazer tambem não”, “pai e mãe não estudaram pra que eu vou estudar”, eu acho que existe isso muito ai, e principalmente falta de incentivo das família mesmo que eu já falei anteriormente porque necessita muito da influencia da família, dos pais, da mães, dos irmãos.

Alguns caminhos são possíveis para se resolver ou, pelo menos, amenizar a evasão escolar. Os educadores enumeram alguns pontos, como: a formação de uma equipe pedagógica, a presença mais constante dos pais, a inclusão de cursos profissionalizantes, intervenções mais eficientes junto ao educando, mantendo um diálogo aberto, buscando desenvolver projetos condizentes com as suas reais necessidades.

O fato de não existir uma equipe técnica na escola é um desafio para a prática pedagógica dos educadores/as. A escola é assistida por três (3) profissionais, com pós graduação (Educação, Gestão, Psicopedagogia), cuja função é orientar e acompanhar o processo pedagógico da Escola, porem os trabalhos ficam restritos aos educadores, no acompanhamento nos diários escolares,

planejamentos, elaboração e orientações de projetos. Desse grupo reduzido, duas (2) são mais comprometidas, estando mais presentes, elaborando e auxiliando projetos, mantendo um diálogo com o educador e uma (1) mais distante, por não ter disponibilidade que atenda as necessidades da escola. Não é possível atender a demanda existente. Não existe acompanhamento com os educandos. Existe uma (1) psicóloga, que atende individualmente e quando solicitada em sala de aula. Então, não há intervenções diretas que contribuam para a melhoria do quadro de evasão, uma vez que a equipe pedagógica poderia fazer esse mapeamento.

(Professora 1)

Eu acho que aqui na escola o primeiro passo era formar uma equipe pra sentar com a gente professor, colocar os problemas e tentar, o que não resolver pelo menos minimizar alguma coisa, porque no momento que a escola se encontra a gente não tem como.

(Professor 2):

Trazer mais os pais para a escola, que aí mudaria muito o quadro, eu acho que os pais aqui são um pouco ausente, deveriam se aproximar mais da escola, pra conhecer mais o alunado, a estrutura da escola, participar juntamente com os professores e dessa forma eu acho que isso contribuiria bastante.

(Professor 3):

Olha a gente primeiramente ter uma união entre a gente, professor, coordenação, a gente começar a fazer projetos e sair desse negócio de professor e aluno estudar, ensinar, fazer o melhor. Em parte m sinto só, viu. Não assim, eu acho que é medo, as vezes você quer mudar uma coisa, mas tem medo de não dá certo ou ter alguém que diga “não, faça desse jeito” e a gente não quer continuar fazendo desse jeito, então tem esse receio.

(Professor 4):

Eu acho que precisa de cursos profissionalizantes porque eles acham um tanto vago. Terminam, mas terminar pra quê? Pra fazer o quê? Ai se tivesse uma opção de curso profissionalizante terminar o ensino médio e ocupar, estar apto a fazer alguma coisa.

Com relação aos projetos, a Professora 1 faz uma observação interessante, mostrando a fragilidade do educador, pois ele quer fazer algo diferente, inovar, ser criativo, mas geralmente não sabe como:

O professor precisa de ajuda, de aprender a fazer projetos, de trabalhar projetos, é isso que eu penso, eu falo muito, mas eu sempre começo e não termino meus projetos, quebra, não sei o que é, todo ano ele quebra no meio do caminho, não sei, acho que é a motivação, pois muda a pratica pedagógica, muda muita coisa.

Ela continua mostrando as fragilidades do educador, sem receios de mostrar-se, que utilizam os momentos de intervalo (recreio) para desabafar, uns com os

outros, as angústias, medos, inseguranças, pois gostariam de intervir para mudar o quadro, mas parecem esperar por um milagre que nunca vem, pois a ação está em cada um, assim procuram culpados para sufocar todos seus anseios, dúvidas,

(Professora 1):

[...] no intervalo professor conversa com professor, mas ninguém faz nada, eu não faço, os outros não fazem, só escuta e só maltrata esses meninos, fulano é isso, que fulano da turma tal é isso, e no fundo eles são vítimas, eles são vítimas do sistema, e a gente sempre culpa eles, eles são as maiores vítimas, são eles, eu não sei como resolver isso, se é conversa, formar uma equipe, eu penso assim que se tivesse uma equipe **boa**, dedicada só a isso, que, que ouvisse mais, ouvisse mais tanto o professor como o aluno, a família, não sei como trazer essa família para a escola mas alguma coisa em que ser feita, alguma coisa, porque a violência deles, a evasão, a fuga deles da escola é isso, é muito problemas e ninguém ajuda só joga conteúdos que não, que não cicatriza nada, que não ajuda nada.(grifo nosso)

Essa visão contraditória do educador, de quem sabe tudo, mas não sabe nada, que o coloca como antiaprendiz, é um entrave para que a educação aconteça. Na maioria das vezes, o educador se nega a participar de formações continuadas, que poderiam colaborar com a superação de suas fragilidades. De acordo com Freire (2004, p. 45):

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 2004, p.45).

Outro aspecto relevante foi quando o professor 6 foi questionado sobre o fato da disciplina que leciona, Matemática, ser considerada uma vilã (por ele e seus educandos), colaborando, um pouco mais, para a evasão escolar e ele, disse:

Em muitos casos sim, o pessoal tem muito medo da Matemática (risos), a Matemática é em si, o pessoal criou um mito, né? Matemática é difícil, mas na realidade tudo o que você faz na vida, você tem matemática, se você vai numa feira livre é o que você mais vê é matemática, e contribui sim, o pessoal tem muito medo da Matemática e termina evadindo, e é porque o sistema educacional hoje, os professores de Matemática mudaram muito, o critério de cobrança, né? porque se for cobrar mesmo, prá tá no pé, aí a evasão vai para uns 40%.

Assim, percebe-se que são muitas as variáveis que interferem para a evasão escolar, e questionados sobre a questão, os educandos explicaram os motivos que os levaram a seguir essa opção:

(Aluna 1):

Tive que desistir o ano passado (2010) porque engravidei não tava mais conseguindo vim pra escola, por causa que era muito pesada a barriga, não tava conseguindo assim, andar, vivia em casa, direto.

(Aluno 2):

No caso agora é porque surgiu a oportunidade de trabalho melhor, não é que é melhor, porque abandonar os estudos é ruim. (Aluno 2)

(Aluno 3):

O ano passado (2010) desisti, pra trabalhar, sem muito interesse em estudar, eu desisti de estudar pra trabalhar, pra sustentar a família.

(Aluno 4):

Gostava muito de estudar mais depois eu não liguei mais não, até, até o 1º ano amava estudar, mas quando foi depois eu num liguei mais, num, num fiquei tomando mais gosto de estudar e acabei desistindo.

(Aluno 5):

Família, casei, os filhos começaram a aparecer, ai tive que trabalhar para sustentar a família, ai também não deu para conciliar e também falta de interesse, de minha parte mesmo. (Aluno 5)

(Aluno 6):

Eu casei, ai faltou interesse pelos estudos, pronto, ai parei mesmo.

(Aluno 7):

Depois que a pessoa casa aí não tem como estudar não, porque toma responsabilidade e pra estudar e trabalhar não tem como não, prá pessoa que trabalha no sitio sempre é muito difícil.

(Aluno 8):

Porque tem que cuidar de família, não tem como estudar e cuidar de família ao mesmo tempo, e quando mora no sitio é maior a dificuldade.

Foi interessante observar que dos oito (8) entrevistados, cinco (5) eram do sexo masculino, que reforça estudos já realizados na área, que apontam o sexo masculino como mais vulnerável a reprovação e ou evasão escolar.

Apenas uma (1) educanda declarou abertamente que foi falta de interesse seu, questionada sobre o apoio ou não da família disse: “Minha mãe me dá muito conselho só que não escuto” (risos). Demonstrando que, nem sempre, a família é responsável, porém não deveria admitir essa atitude em se tratando de um/a menor de idade.

5.3. EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA: UM CAMINHO VIÁVEL

A educação contextualizada pode ser inscrita como uma resposta possível às demandas discutidas neste trabalho de pesquisa, uma vez que propõe uma educação mais focada na realidade de vida dos educandos, aliando os conteúdos escolares ao contexto vivido, que conforme Reis (2005) é aquela que constrói no cruzamento cultura-escola-sociedade-mundo.

Ao questionar sobre a educação contextualizada, parece que a visão sobre o tema ainda é principiante, um assunto vago, conforme opiniões dos educadores abaixo:

(Professor 3):

Olha eu já ouvi assim por alto, mas não tô bem informado não!

(Professor 4):

Já, eu li algo em revista [...]

(Professora 5):

Educação contextualizada? Pouco, ouvi falar pouco, mas é como se houvesse, o que eu compreendo, é fazer relação de conteúdos, de conteúdos desde o livro a conteúdos da realidade, é a interação, entre conteúdos da realidade, que ta na realidade dos alunos e que ele ta vendo na escola, é integrar esses conhecimentos.

A Professora 1 mostra algum conhecimento sobre o tema, pois o ano passado iniciou o curso de Especialização em Educação Contextualizada na UFCG, e pesquisou sobre o tema para seleção.

(risos) Educação contextualizada? Pronto, seria uma das coisas que melhoraria muito nosso ensino, as nossas práticas era a educação contextualizada, a começar de casa, da rua, né? Dos problemas deles, da vida deles, tudo isso é dentro do contexto. É... Talvez ajudasse, talvez ajudasse nas nossas praticas e motivasse.

A Professor 2 mostra um conhecimento sobre educação contextualizada mais generalizado, assim como o Professor 6, mas nem por isso menos importante:

Já a gente já trabalha (risos) em sala de aula. O professor hoje, tem que tá usando essa metodologia, essa contextualização. É interdisciplinar na minha concepção a contextualização ou multidisciplinar, então a contextualização ela tem que está presente nosso dia a dia (Professora 2)

Sim, em matérias de curso que a gente cursa de educação contextualizada. Hoje a Matemática trabalha muito em cima disso, de textos de, de, de, em leitura, muita leitura hoje, por isso é que a

Matemática mudou muito. Porque pra você saber Matemática e resolver questões de Matemática você tem que saber interpretar a questão, então é muito, é interessante essa... (Professor 6)

Assim a Educação Contextualizada precisa percorrer um longo caminho de informação sobre suas propostas, cativando educadores e educandos no desenvolvimento de suas práticas. Reis (2010) diz:

Portanto, não somente nessa região, mas em todo o Brasil, a educação somente será um direito subjetivo efetivo, quando cada um de nós, no lugar onde nos encontramos, puder contribuir com a nossa parte nessa caminhada em direção à transformação das pessoas para que elas possam mudar o atual estado das coisas. (REIS, 2010, p.129).

E a Educação Contextualizada tem esse ideal de mudar a realidade da educação brasileira, desbravando os lugares antes nunca estudados, mas cheios de histórias e cultura, aliando os saberes escolares (a partir dos conteúdos da base comum) aos saberes empíricos, vindos das experiências humanas (a partir dos conteúdos da base diversificada) que são previsto pela LDB, em seu artigo 26 porém não colocados, em sua totalidade e importância, em prática.

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (BRASIL, 1996, p. 11)

A Educação Contextualizada prevê uma mudança curricular, implantando um novo olhar sobre o saber local, regional, conforme Lima (2010):

Qualquer que seja a abordagem adotada para a formação do educando a sua realização atende/ vincula-se/ atrela-se a determinados referentes, sejam políticos, culturais, cívicos, sociais, éticos. Assim, o currículo consubstancia-se como um espaço político de produção de identidades, espaço de manifestação de cultura, de produção de novas territorialidades. (LIMA, 2010, p.4).

Por fim, a Educação Contextualizada é um caminho sem fim, que traz inúmeras possibilidades de mudar paradigmas estabelecidos anos a fora. Resta incluí-la no plano de políticas públicas do Estado (considerando as três esferas) e torná-la acessível a todos os lugares, a todas as pessoas, iniciando por uma

formação continuada de educadores, grandes multiplicadores de ideais, de valores e de saberes.

No semiárido brasileiro a educação contextualizada é amplamente viável, pois colaboraria com a diminuição dos altos números de evasão e/ou abandono escolar, retomando a autoestima das pessoas, que vivem nessa região brasileira, castigada por longos períodos de seca, mas que não determinam a sobrevivência e a convivência com essa adversidade da natureza, pelo contrário.

É verdade sim, que as questões sociais são gritantes, que as diferenças são muito visíveis, mas esse não é um problema só do semiárido, mas também dos grandes centros urbanos, principalmente porque há o afastamento das pessoas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou analisar as causas da evasão escolar no Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, no Município de Sumé/PB, no período de 2008 a 2010, favorecendo um conhecimento acerca do tema que conduza a escola a (re) pensar ações de intervenções que modifique para melhor a realidade atual.

O primeiro e o segundo objetivos específicos quiseram identificar o índice de evasão nos anos de 2008, 2009 e 2010; e verificar, neste ano de 2011, o retorno dos educandos evadidos, buscando mapear a quantidade e as motivações do retorno, colaborando com o clareamento dos dados e resultados alcançados, pois foi possível perceber que a evasão escolar foi e é um problema sério, que necessita ser questionado, estudando, refletido, no sentido de entender os porquês da persistência, das falhas da escola, na reversão dos números. Ainda mais, porque os educandos retornam, mas voltam a se evadir por anos repetidos, sem concluir seus estudos, permanecendo à margem da sociedade, que exige escolaridade, para que possam se tornar competitivos.

Das principais causas de evasão na escola apontadas por educadores e educandos, estão: o fato da escola não ser atrativa, falta de interesse dos educandos, a indiferença entre ambos, a necessidade de trabalho, a gravidez precoce, a falta de incentivo da família. Como se observa, as questões sociais, pessoais, familiares e escolares são evidenciadas, o que mostra a necessidade de políticas públicas voltadas para a juventude, mais eficientes como a prevenção a gravidez precoce (que já existe, mas tem se mostrado frágil diante dos números) a oferta de trabalhos de meio turno que permitam o/a jovem estudar e trabalhar, maiores parcerias entre empresas, indústrias, instituições privadas e públicas oferecendo estágios etc.

Constatou-se que se os jovens tivessem melhores oportunidades não abandonariam os bancos escolares, pois demonstram gostar dela, o que falta é trazer esse ensino para a realidade, dando significado e sentido. Pois, hoje, não enxergam a escola como degrau para uma vida futura mais segura financeiramente.

Observou-se que na escola não existem estratégias político-educativas desenvolvidas para reversão do problema da evasão escolar. Entra e sai ano sem discussões sobre o tema, o que ficou evidenciado nas falas dos educadores quando pareciam não acreditar nos índices, embora soubessem que a evasão fazia parte da escola, causando certo desconforto e angústia, pois como membros constituintes da escola, são também responsáveis; principalmente quando alguns educandos enxergam suas limitações e cobram mudanças de posturas.

Percebe-se certa dificuldade dos educadores em lidar com os problemas emocionais/ afetivos dos educandos, muitos acabam usando do artifício da “autoridade” (através do falar alto; do olhar; da indiferença, da punição), para tentar coibir manifestações que alterem a rotina diária. Não há o uso de alternativas metodológicas para despertar o interesse dos educandos e as aulas seguem na mesmice de sempre, provocando desatenção, inquietude, indisciplina etc.

No que se refere ao tipo de relação que a escola estabelece com a família, restringe-se apenas às reuniões bimestrais de entrega de boletins e chamados quando existe a necessidade. A família, ainda, está muito distante da escola, dificultando o processo educativo, pois geralmente uma repassa para outra (escola e família), responsabilidades que são suas.

Os resultados deste estudo refletem as manifestações dos/as educadores/as e educandos/as, a pesquisa documental e as observações feitas no decorrer do período. Percebe-se que existem várias omissões dentro da escola, que colaboram para a permanência dos números de evasão: os educadores e os responsáveis pela secretaria que não informam quando os educandos deixam de freqüentar as aulas; os educandos que não lutam por seus direitos e preferem ir embora, do que enfrentar o problema; os pais/ responsáveis que são ausentes da escola e não interferem nas decisões de menores (nessa fase necessitam de limites); a equipe de gestão parece desconhecer o problema e não cria mecanismos de enfrentamento; os profissionais que fazem o apoio pedagógico, identificam o problema, mas não agem para sua reversão. Enfim, enquanto um empurrar para outro o problema, não discutir, traçar estratégias e agir, estes números não serão revertidos, pelo contrário, serão crescentes, uma vez que são notórias a indiferença, a falta de interesse, a falta de incentivo.

Aqui cabe uma crítica ao modelo de sociabilidade capitalista, o qual não tem atendido as demandas dos setores populares, impondo sobre estes um tipo de educação precarizado, reproduzidor de desigualdades e de desumanidade, distantes dos anseios da maioria da população. Nesse sentido, este estudo constitui-se, também, numa crítica à educação escolar capitalista, a qual tem servido aos interesses dos grupos dominantes, ao contribuir com os processos excludentes perpetrados por esse sistema.

Isso demonstra que educação não é prioridade no Brasil e enquanto esse quadro de abandono existir, de nada servirá pensar políticas públicas, pois esbarrará nas conveniências de uma minoria que comanda e manda. Então, evasão será um problema que sempre existirá, pois não existe interesse em modificar os índices, porém a consciência das escolas sobre a gravidade do problema deve ser motivadora de reflexões, traçando metas e agindo para transformação, pois educação é libertação, e como tal deve contribuir para a emancipação das pessoas nunca para o aprisionamento.

Esperamos, pois, que os resultados obtidos neste estudo possam contribuir ao propósito que se destinou que foi, principalmente, analisar as causas da evasão escolar no Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, no Município de Sumé/PB, no período de 2008 a 2010.

É importante dizer que o estudo realizado não esgota a temática em questão, haja vista a complexidade que envolve o contexto investigado, mas aponta pistas para estudos posteriores que possam surgir a partir da discussão realizada, assim como para elaboração de um processo de intervenção conseqüente, comprometido com as mudanças que tanto é almejado pelas comunidades escolar e local.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. Os questionamentos do cotidiano docente. **Revista Pedagógica Pátio**, Porto Alegre, n. 40, ano X, nov. 2006, jan. 2007.

ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, n. 77, mai. 1991, p. 53-61.

ANDRADE, A. P. de. **Política de P, D & I para o semiárido**. 2010. Slides.

ARROYO, Miguel (org). **Da escola carente à escola possível**. Coleção Educação Popular nº8. 4ªed. Ed. Loyola; São Paulo, 1997.

_____. **Da Evasão Escolar**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, Flávio Barbosa (org). **Currículo: políticas e prática**. Campinas: Papyrus, 1999.

AZEVEDO, Francisca Vera Martins de. Causas e conseqüências da evasão escolar no ensino de jovens e adultos na escola municipal “espedito alves” – Angicos/RN. **Revista Científica da Faculdade de Natal- FAL**. Ano IV Vol 1. Jan/Abr 2006 ISSN 1678-7889. Disponível em: <http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a4_v2/artigo_13.pdf>. Acesso em: 06 mai 2011.

BRASIL. **O Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990.

_____. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República.s.d.

_____. Programa: Ensino Médio Inovador, Documento Orientador. Brasília, 2009.

AZEVEDO, Francisca Vera Martins de. Causas e conseqüências da evasão escolar no ensino de jovens e adultos na escola municipal “espedito alves” – Angicos/RN. **Revista Científica da Faculdade de Natal- FAL**. Ano IV Vol 1. Jan/Abr 2006 ISSN 1678-7889. Disponível em: <http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a4_v2/artigo_13.pdf>. Acesso em: 06 mai 2011.

Carneiro, V. Educação contextualizada: uma estratégia de convivência com o Semiárido. [25 de fevereiro, 2010]. Disponível em: <<http://7enconasa.wordpress.com/tag/educacao-contextualizada/>>. Acesso em 22 mai 2010. Entrevista concedida a Gleiceani Nogueira – ASACom.

CAVALCANTE, M. 20 dicas para dominar as modernas praticas pedagógicas. **Revista Nova Escola**. São Paulo, ano XX, Ed. 188, p. 44-55, dez. 2005.

CONAE. Documento de Referência. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/conae/documento_referencia.pdf > Acesso em: 27/09/11.

COSTA, J. J. D. da. **Aspectos históricos e culturais do semiárido brasileiro**. Texto apresentado na disciplina Condições Históricas e Materiais da Produção da Existência de Homens e mulheres no Semiárido Brasileiro, no CDSA/UFCG. (mimeo). 2010.

SOARES, Tufi Machado; GREMAUD, Amaury Patrick. Determinates do Abandono do Ensino Médio pelos Jovens no Estado de Minas Gerais. **Revista Nova Escola**, Ano XXVI, nº 240, Março 2011.

EDUCAÇÃO contextualizada: prática de ensino que fortalece o conhecimento sobre o Semi-árido. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/kit_pautas.pdf> Acesso em: 22/05/11.

ENGEL, Wanda. **Por que o Instituto Unibanco escolheu o Ensino Médio?** [s.l]: [s.n], 2010. Disponível em: < <http://www.unibanco.com.br/int/hom/index.asp>>. Acesso em 28 set 2011.

FERREIRA, L. A. M. **A evasão escolar**. [s.l]: [s.n], 2010. Disponível em: <<http://www.abmp.org.br/textos/159.htm>>. Acesso 06 mai 2011.

BERGER FILHO, Ruy. Leite. O ensino médio: a universalização é possível. In: COSTA, Vera Lúcia Cabral (org). **Descentralização da Educação: novas formas de coordenação e financiamento**. São Paulo: FUNDAP: Cortez, 2001.

FRANCO, M. L. P. B. NOVAES, G. T. F. **Os jovens do ensino médio e suas Representações sociais**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n112/16107.pdf>> Acesso em: 10/06/11.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, M. O paradigma do oprimido. **Revista Pátio**, ano IX, Nº 35, ago/out 2005.

_____. **O projeto político pedagógico da escola na perspectiva de uma educação para a cidadania**. Disponível em: < <http://8541069592998557813-a-1802744773732722657-s-sites.googlegroups.com/site/oficinadotiao/projeto-politico-pedagogico>>. Acesso em: 19 jul 2011.

GARCIA, A. **Alexandre Garcia comenta impasse entre governo e professores**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/videos/bom-dia-brasil/t/colunas/v/alexandre->

garcia-comenta-impasse-entre-governo-e-professores/1647034/>. Acesso em: 30 set 2011.

HANZE, Amélia. **O Fundeb x Fundef**. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/politica-educacional/fundeb-fundef.htm>>. Acesso em: 21 mai 2011.

HERNADEZ, F. SANCHO, J. M.. A formação a partir da experiência vivida. **Revista Pedagógica Pátio**, Porto Alegre, ano X, n. 40, Nov. 2006.

LA TAILLE. I. de. Escola e professores sob o olhar do aluno. **Revista Pedagógica Pátio**, Porto Alegre, ano X, nº 40, Nov 2006/ jan 2007.

LAKATOS, E. M.. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas 2009.

LIBÂNEO, J. C. Áreas de atuação da organização e da gestão escolar para melhor aprendizagem dos alunos. In: LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirz Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LIMA, I. S. **Currículo: por entre as trilhas do processo de escolarização**. Texto apresentado na disciplina Currículo contextualizado e aprendizagens significativas no Curso de Especialização em educação contextualizada, no CDSA/UFCG. (mimeo). 2010.

LIMA, Elmo de Souza. **Educação contextualizada no semiárido**: construindo caminhos para a formação de sujeitos críticos e autônomos. Disponível em: <http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt16/GT16_2006_06.PDF>. Acesso em: 17 mai 2010.

MALVEZZI, R. **Semiárido**: uma visão holística. Brasília: Confea, 2007.

MENEZES, J. D. **A problemática da evasão escolar e as dificuldades da escolarização**. [s.l]: [s.n], 2010. Disponível em:< <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/a-problematica-da-evasao-escolar-e-as-dificuldades-da-escolarizacao-2761092.html>>. Acesso em: 14/07/11.

MINAYO, Maria Cecília. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____ (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

MORAM, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias**. Disponível em: < <http://www.eca.usp.br/prof/moran/inov.htm>. > Acesso em 19 set 2011.

MORETO, V. P. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MORIN Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

NOGUEIRA, G. Educação contextualizada: uma estratégia de convivência com o Semiárido. Disponível em: <http://www.asabrazil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD_NOTICIA=5845>. Acesso em: 19 set 2010.

NOVAES, G. T. F. FRANCO, M. L. P. B. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 112, mp. a1r6ço7/-128030, 1 março/ 2001 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n112/16107.pdf>>. Acesso em:

NUTTI, J. Z; SOARES, S. Pegando leve. In: Especial Ensino Médio. **Revista Nova escola**. 2011.

PARAÍBA. **Plano Estadual de Educação**. João Pessoa: [s.n], 200?. Disponível em: <<http://www.sec.pb.gov.br/cee/dmdocuments/PEE.pdf>>. Acesso em 10 mai 2011.

PASSOS, M. Sociedade. **O aparelho ideológico de Estado**. [s.l]: [s.n], 2009. Disponível em <http://perspectivapolitica.com.br/tag/classe-dominante/> Acesso em: 08/04/11

REIS, Edmerson dos Santos. Educação para a convivência com o semiárido: desafios e possibilidades. In: SILVA, Conceição de Maria de Sousa e. **Semiárido Piauiense: Educação e Contexto**. Campina Grande: MCT: INSA, 2010.

_____. **Projeto Político Pedagógico: moda, exigência ou tomada de consciência?**, Rio de Janeiro: [s.n], 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/gppp01.htm>>. Acesso em: 19/07/2011

REZENDE, M. A. S. **Consed vê com ressalvas mudanças no Ensino Médio**. Disponível em: <http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/noticias/consed-ve-com-ressalvas-mudancas-no-ensino-medio/>>. Acesso em 10/06/11

RODRIGUES, C. **Ensino médio: a pior etapa da educação do Brasil**. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/ensino+medio+a+pior+etapa+da+educacao+do+brasil/n1238031482488.html>>. Acesso em 29 set 2011.

SILVA, Jocemar da. Entrevista concedida ao Ministério da Educação. Disponível em: <portal.mec.gov.br/index.php?option=com> . Acesso em: 22 mai 2010.

SÍNTESE de Indicadores Sociais, do IBGE. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/ultnot/2010/09/17/brasil-tem-maior-taxa-de-abandono-escolar-do-mercosul.jhtm>> Acesso em 29 jun 2011.

SOARES, T. M; GREMAUD, Amaury Patrick. Determinates do Abandono do Ensino Médio pelos Jovens no Estado de Minas Gerais. **Revista Nova Escola**, Ano XXVI, nº 240, Março 2011.

TIBA, I. **Quem ama educa**. São Paulo: Editora Gente, 2002.

ZAGURY, T. Por que fracassa a educação. **Revista Pedagógica Pátio**: Revista Pedagógica. Porto Alegre, Ano X, Nº 40, Nov 2006/ Jan 2007.

WALLON, H. Psicologia e Educação. In: _____. **Psicologia e educação da criança**. Lisboa: Veja Universidade, 1979.

WAHRHAFTIG, R. O Consed e o ensino médio. In: CABRA, Vera Lúcia Costa (org). **Descentralização da Educação**: novas formas de coordenação e financiamento. São Paulo: FUNDAP: Cortez, 2001.

WERNECK, Hamilton. **Prova, provão. Camisa de força da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

Educação contextualizada: prática de ensino que fortalece o conhecimento sobre o Semi-árido. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/kit_pautas.pdf> Acesso em: 22/05/11.

APÊNDICE A – Cópia dos roteiros de entrevista

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O (A) ALUNO (A)

Este roteiro de entrevista faz parte de uma das etapas da pesquisa cuja finalidade é *analisar as causas da evasão no Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, no Município de Sumé/PB*. Esta pesquisa é orientada pelo Prof^o. Ms. Isaac Alexandre da Silva, tendo como orientanda Maria Ivoneide de Oliveira Araújo. *Seu nome será mantido em sigilo, sendo importante suas informações*. Agradecemos pela atenção.

1. Fale sobre a sua história escolar, desde criança.
(Que pontos/questões negativos e positivos você poderia destacar, nessa história?/ Quais foram às maiores dificuldades encontradas em sua trajetória escolar?)
2. Qual é o significado que a escola tem para você (Em quais aspectos?/ Por que você estuda?)
3. Você já foi reprovado alguma vez? Se sim, a que você atribui essa/as reprovação/coes? (Quais fatores você relaciona com a escola?)
4. Com relação à escola onde você estuda, o que tens a dizer sobre ela? (A escola apresenta algumas limitações, desafios ou dificuldades? Se sim, quais?)
5. Você teve dificuldade/s em alguma disciplina? Se sim, por quê?Que disciplina ou disciplinas tem (ou teve) mais dificuldade? Por quê?
6. Como você avalia o trabalho dos professores com relação à disciplina que ensinam?
7. Considerando o domínio do conteúdo, a metodologia que é utilizada, a relação que estabelece com os alunos
8. No tempo em que você está estudando nesta escola, tem observado algum caso de evasão na escola? Se sim, você saberia apontar as causas? O que você poderia sugerir para resolver o problema da evasão nesta escola?

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O (A) PROFESSOR (A)

Este roteiro de entrevista faz parte de uma das etapas da pesquisa cuja finalidade é *analisar as causas da evasão no Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, no Município de Sumé/PB*. Esta pesquisa é orientada pelo Prof^o. Ms. Isaac Alexandre da Silva, tendo como orientanda Maria Ivoneide de Oliveira Araújo. *Seu nome será mantido em sigilo, sendo importante suas informações*. Agradecemos pela atenção.

1. Qual é o significado que a escola tem para você?
2. Que avaliação você faz com relação ao trabalho docente que é realizado nesta escola? (considerando os seguintes aspectos: o domínio do conteúdo; a metodologia que é utilizada em sala de aula; o conhecimento e o uso das novas tecnologias que a escola dispõe; a avaliação dos alunos; a articulação entre teoria e prática, entre a dimensão pedagógica e a dimensão política; a relação com os educandos?)
3. Quais as dificuldades mais comuns encontradas nos educandos?
4. Com relação à escola onde você leciona (Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio professor José Gonçalves de Queiroz) que limitações/dificuldades ela apresenta e que pode produzir ou agravar o fenômeno da evasão escolar?
5. Você tem conhecimento da quantidade de educandos que evadiram nos últimos três anos? (2008: 13,9% / 2009 - 7,13% / 2010 - 10,92%)
6. Quais as causas que provocaram a evasão dos educandos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio professor José Gonçalves de Queiroz neste período 2008, 2009 e 2010? R/
7. O que o poderia ser feito no sentido de se resolver o fenômeno da evasão escolar nesta escola (Como poderia ser realizada a sugestão que você dá?). R/
8. R/ Você já ouviu falar em educação contextualizada? Em que momento? E o que acha dessa metodologia que concebe o Semiárido como tema indispensável nas salas de aula da região?

ANEXO A – Fotos da visita à zona rural

ESTRADA PARA AMPARO-PB



CASA DA ENTREVISTADA-ALUNA 4



MOMENTO DA ENTREVISTA